

**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Manuel Marques José

**A minha carreira docente:  
um percurso de humanidade**

outubro de 2016



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Manuel Marques José

**A minha carreira docente:  
um percurso de humanidade**

Relatório de Atividade Profissional  
Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário

Trabalho realizado sob a orientação do  
**Doutor José Carlos Casulo**

outubro de 2016

“Who are **you**?’ said the Caterpillar.

This was not an encouraging opening for a conversation. Alice replied, rather shyly, ‘I — I hardly know, sir, just at present — at least I know who I was when I got up this morning, but I think I must have been changed several times since then.’

‘What do you mean by that?’ said the Caterpillar sternly. ‘Explain yourself!’

‘I can’t explain **myself**, I’m afraid, Sir’ said Alice, ‘because I’m not myself, you see.’

‘I don’t see,’ said the Caterpillar.”

**Lewis Carrol, Alice's Adventures in Wonderland**

## **Agradecimentos**

A todos os meus alunos, aos que foram, aos que são, aos que hão-de vir a ser.

À minha família.

Aos meus amigos.

## **A MINHA CARREIRA: UM PERCURSO DE HUMANIDADE**

**Manuel Marques José**

**Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário**

**Universidade do Minho**

**2016**

### **Resumo**

O presente trabalho, intitulado **A minha carreira docente, um percurso de humanidade**, corresponde ao relatório pedido ao abrigo do Despacho RT 38/2011 da Universidade do Minho, que regula a obtenção do grau de mestre a licenciados pré-Bolonha.

A estrutura deste relatório cumpre as regras de formatação pré-definidas para teses da Universidade do Minho e está devidamente dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, abordo o meu percurso pedagógico, um registo mais ou menos biográfico, quer no campo de docente de Filosofia, quer de docente de Educação Especial. No segundo capítulo, falo do que ensinei e onde, uma narrativa sobre disciplinas e pessoas com quem trabalhei, professores, alunos e outros, os diferentes cargos pedagógicos que desempenhei, e algumas tarefas que cumpri umas mais relacionadas com a Escola, outras menos, mas não menos importantes para mim e para o meu desempenho docente. No terceiro capítulo, um esboço de reflexão sobre as experiências pedagógicas, sobre os desafios que a sociedade coloca perante um professor e, ainda mais, perante um professor de Filosofia. Também, neste capítulo, uma breve reflexão sobre os dias que ainda restam.

O relatório contém, ainda, uma introdução, bibliografia e anexos.

Palavras chave: Filosofia; Educação Especial; Homem.

## **MY CAREER: A MANKIND COURSE**

**Manuel Marques José**

**Master in Philosophy Teaching in the Secondary School**

**Universidade do Minho**

**2016**

### **Abstract**

This paper, entitled **My teaching career, a path humanity**, corresponds to the report requested under Order 38/2011 RT University of Minho, which regulates the degree of master for pre-Bologna graduates.

The structure of this report complies with the rules of predefined formatting for theses at the University of Minho and is appropriately divided into three chapters. In the first chapter, I discuss my educational path, a more or less history file, both in philosophy teaching field, either of teaching Special Education. In the second chapter, I speak of what I taught and where, a narrative of disciplines and people I worked with, teachers, students and others, the different teaching positions they played, and some tasks that fulfill a more related to the school, others less, but no less important to me and my teaching performance. In the third chapter, a reflection of much space on pedagogical experiences on the challenges that society places before a teacher and, even more, before a professor of philosophy. Also in this chapter, a brief reflection on the days that are left.

The report also contains an introduction, bibliography and appendices.

Keywords: Philosophy; Special education; Man.

|                                                                                       |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Índice</b>                                                                         |    |
| <b>Agradecimentos</b>                                                                 | iv |
| <b>Resumo</b>                                                                         | v  |
| <b>Abstract</b>                                                                       | vi |
| <b>Introdução</b>                                                                     | 1  |
| <b>Capítulo I - Percurso pessoal, académico e profissional</b>                        | 4  |
| 1. Antes de ser professor                                                             | 5  |
| 2. Professor                                                                          |    |
| 2.1. Professor de Filosofia<br>[1984/85 – 1991/92 (até meados de Outubro de 1991)]    | 7  |
| 2.2. Professor de Educação Especial<br>[1991/92 (desde Novembro de 1991) - 2005/2006] | 9  |
| 2.3. Professor de Filosofia (2006/07 – actualidade)                                   | 12 |
| <b>Capítulo II - Prática lectiva</b>                                                  | 13 |
| 1. Docência de Filosofia: início e profissionalização                                 | 14 |
| 2. Docência em Educação Especial:<br>EEE de Porto de Mós e EB 2 3 de Marrazes         | 16 |
| 3. Regresso à Docência de Filosofia                                                   | 19 |
| <b>Capítulo III - Reflexão crítica</b>                                                | 23 |
| 1. As minhas crenças pedagógicas                                                      | 24 |
| 2. Docência de Educação especial                                                      | 25 |
| 3. Docência de Filosofia                                                              | 27 |
| 4. Os jovens do nosso tempo e o ensino da Filosofia                                   | 30 |
| <b>Conclusão</b>                                                                      | 35 |
| <b>Referências</b>                                                                    | 38 |
| <b>Apêndices</b>                                                                      | 41 |
| Apêndice I O canto e os deuses                                                        | 42 |
| Apêndice II Registo Biográfico                                                        | 45 |
| Apêndice III Síntese do percurso profissional                                         | 50 |
| Apêndice IV Algumas considerações sobre o Homem e a Natureza                          | 55 |
| Apêndice V Relatório de avaliação de aluno com Necessidades<br>Educativas Especiais   | 61 |
| Apêndice VI <i>Powerpoint</i> Nascimento da Filosofia/Nascimento<br>do Homem          | 75 |



Apresentei-me a este mestrado na expectativa de poder reflectir sobre o meu percurso pedagógico de mais de trinta anos. Com esta multiplicidade de tarefas, uma reflexão deste género envolve complexidades (estudos, aplicação, relacionamentos, formações...), procurei, por um lado, discernir o que de melhor julgo ter feito, o que não foi tão bom, e deste modo poder perspectivar o resto da carreira no sentido de conseguir melhores desempenhos, por outro, melhorar o desempenho mental, nesta altura da vida e da carreira algumas funções começam a ficar preguiçosas ou mesmo diminuídas, e, por outro, vivendo no país em que vivemos, tentar precaver-me para futuras surpresas do género “se não tens mestrado, não progrides na carreira” ou, pior, “se não tens mestrado ficas em posição profissional inferior”, ou, ainda pior, “se não tens mestrado podes ser despedido ou reformado compulsivamente (com aqueles cortes salariais desmesurados)” - como aprendi desde pequeno, mais vale prevenir do que remediar, e num sítio como este jardim à beira-mar plantado, nunca se sabe.

Trata-se de um mestrado ao abrigo do Despacho RT 38/2011 da Universidade do Minho, que regula a obtenção do grau de mestre a licenciados pré-Bolonha, um complemento de formação que assumi com toda a disponibilidade de aprender, de procurar vir a ser mais profícuo no que faço.

Este trabalho, que escreverei na primeira pessoa do singular e não na académica e primeira do plural, será dividida em três capítulos: 1. percurso pessoal, académico e profissional, 2. Prática lectiva e 3. Situação actual e projectos para o futuro. Por força das circunstâncias, este documento será um exercício fundamentado largamente em memórias e, assim sendo, aspectos nómadas marcá-lo-ão, quiçá erráticos. Mas, de facto, o percurso de uma vida e de uma vida profissional docente nunca pode ser linear – uma qualquer tentativa cartesiana de o querer realizar gorar-se-ia [à questão da lagarta de **Alice's Adventures in Wonderland** Who are **you**? responderei também “can't explain **myself** because I'm not myself” (Carrol, 1960, p. 47), mas tentarei!

Será um trabalho sobre dois percursos profissionais distintos uma vez que, ao longo dos trinta e um anos de carreira (cfr. **Apêndices II e III**), estive colocado como professor do ensino regular, dezasseis anos, e professor de educação especial, quinze anos. Aparentemente distintos, esses dois caminhos tiveram partes comuns, de algum modo, em diversos momentos, e mesmo na minha prática actual.

Este trabalho versará três épocas distintas (e dois percursos pedagógicos diferentes: um, no ensino regular, dezasseis anos, e outro, na educação especial, quinze anos): a primeira, desde o início da carreira, em 1984-1985, 11 de Dezembro de 1984, na Escola Secundária de Serpa, até ao ano lectivo de 1991-1992 (tempo durante o qual fiz a profissionalização em serviço, 1989-1991, na Escola Secundária de Vendas Novas e CIFOP da Universidade de Évora); depois, uma segunda, que compreende o período entre o ano lectivo de 1991-1992 (ainda dei aulas na Escola Secundária do Cartaxo até meados de Outubro) e o ano lectivo de 2005-2006, em que, numa primeira fase, desempenhei funções como docente de Educação Especial, entre 1991-1992 e 1996-1997, destacado na Equipa de Educação Especial de Porto de Mós, Leiria, e, depois, numa segunda fase, entre 1997-1998 e 2005-2006, na Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Marrazes, Leiria; por fim, uma terceira, desde 2006-2007 até à actualidade, de novo como docente do

ensino regular, na Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo, Leiria.

## **Capítulo I - Percorso pessoal, académico e profissional**

## 1. Antes de ser professor

Chamo-me Manuel Marques José.

Nasci em Lisboa, na Rua A do Bairro da Liberdade, mesmo à beira do Aqueduto das Águas Livres e da mata do Monsanto. O meu pai era guarda-freio da Carris, a minha mãe, costureira.

Os meus primeiros cinco anos de vida ficaram marcados por esses dois macro-espacos. Depois, em 13 de Maio de 1967, estava o papa Paulo VI de visita a Portugal, fiz, com a família e mobília da casa, o meu pai reformara-se entretanto de guarda-freio da Carris, a viagem de mudança para a aldeia natal parental. Nessa aldeia, um conjunto de casas e lugares contíguos cujos nomes mudam, por vezes, a cada cinquenta metros, Santiais, freguesia de Santiago de Litém, concelho de Pombal, distrito de Leiria, cresci e fiz-me gente.

Era uma aldeia normal, com pinhais à volta, de onde se retirava mato para os currais dos porcos, dos bois, das mulas e dos burros, lenha e resina. E campos onde se cultivava milho, algum trigo e aveia, batatas, legumes diversos. Havia árvores de fruto, sobretudo macieiras, laranjeiras, figueiras, algumas pereiras e pessegueiros. Também havia oliveiras. Algumas videiras. Praticava-se uma agricultura de subsistência, havia artesãos (carpinteiros, sapateiros, alfaiates), duas indústrias de serração de madeira. Havia muitos ribeiros e fontes. Do que mais me recordo? Dos pinhais, dos ribeiros e das fontes, das sementeiras, do cuidado com o crescimento das culturas e das colheitas. Como todas as crianças, participava em tudo isso. Também me ficaram na memória, e de fascínio, as lendas (ouros mouriscos encantados a serem desencantados se a terra lavrada por uma parelha gato preto-galinha, almas penadas errantes em penitência...), e de algumas pessoas, em particular um tio-avô dentista, médico, alfaiate, relojoeiro....

Cresci marcado pelos ritmos da natureza, da natureza da minha aldeia e pelas memórias-sonhos de Lisboa – julgo, por isso, perceber o que refere Alberto Caeiro quando escreve “O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, / Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia / Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia” (Caeiro, s/d, p.112) e Raul Brandão, “Nunca Londres ou a floresta americana me incutiram mistério que valesse o dos quatro palmos do meu quintal” (Brandão, s/db, p.3). Percorri os carreiros que atravessavam os campos e os pinhais – hoje quase só há terras incultas e pinhais que arderam algumas vezes e onde mato e árvores crescem ao acaso, sem cuidado e sem utilidade, e apenas se plantam eucaliptos que destroem os solos – vivi com o mundo, na cidade não se vive com o mundo.

Quando concluí o 7º ano (equivalente ao actual 11º) passei a trabalhar com regularidade na extracção de resina. Antes, trabalhava esporadicamente em construção civil e na agricultura. Curiosamente, o primeiro dinheiro que ganhei, em 1969, julgo que dois tostões, foi sendo pastor, guardador de ovelhas (mesmo que meio a brincar).

No Ano Propedêutico, ano lectivo de 1979-1980, em que era suposto assistir-se a aulas pela televisão, não assisti, trabalhei, e ia a umas aulas de apoio que havia na Escola Secundária de Pombal, onde fiz o então designado Curso Complementar dos Liceus (1977-1978 e 1978-1979). Reconheço que não ia tanto pelas aulas, mas porque, às vezes, me apetecia parar o trabalho por uma tarde ou duas. Mesmo

assim fiz os exames com sucesso. Foi com este trabalho que consegui ganhar muito do dinheiro que custeou a minha licenciatura. Em todas as férias universitárias voltava à aldeia e aos pinhais. Aliás, como a avaliação era por trabalhos (com excepção de duas disciplinas, Filosofia Antiga e Lógica), procurava ser sempre o primeiro a discuti-los para poder voltar mais cedo ao trabalho. E regressava sempre à universidade duas ou três semanas depois do início do ano lectivo.

Fiz a licenciatura em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, entre 1980-1981 e 1983-1984.

A experiência como resineiro trouxe-me o saber da dureza e da maravilha da natureza. Aí aprendi, na conjugação com a reflexão filosófica, muito do que Holmes Rolston III escreve em **Respect for Life: Counting what Singer Finds of no Account**: num dos trabalhos realizados para a disciplina Axiologia e Ética, título, **Ética e a questão do Humanismo** expressava a ideia de que não acreditava em qualquer verdade e, se acreditasse, seria a dos pinheiros, e já teria ido embora para os pinhais que, infelizmente, iam sendo queimados por pessoas demasiado afastadas da Natureza, encerradas nas celas dos seus velhos mosteiros com as paredes cobertas de posters de Grandes Homens.

Um outro trabalho que muito recordei foi feito para a disciplina de Ontologia, a cargo de Joaquim Coelho Rosa, sobre um pequeno livro de Gaston Bachelard, **La flame d'une chandelle**: uma reflexão sobre o mundo, sobre a fragilidade do mundo através da chama de uma candeia, um modelo do mundo, um simulacro perfeito do mundo. O meu trabalho evocava isso, a situação do homem num espaço que o antecede e o procederá, lido através da chama de uma candeia.

Recordo-me também de um texto de Edgar Morin publicado no **Diário de Notícias** e cuja data não posso precisar, mas terá sido durante o ano lectivo de 1982/83 e que cito como epígrafe no trabalho acima referido: “É evidente que para ser livre, preciso do cérebro, esta máquina de trinta milhões de células, que através de uma construção fantástica passou pelo peixe, pelo réptil, pelos mamíferos e primatas”. Nesse texto, o autor esclarecia que em função desta natureza, o homem era um ser marginal ao cosmos. Não sei bem se se focava também nos problemas que decorrem desta situação. Sei que, um dos meus propósitos fundamentais da minha actividade lectiva foi este – e desde o primeiro texto que trabalhei com os meus alunos e que ao longo da minha carreira fui reiterando. Se nos ativermos a um autor como Raul Brandão, por exemplo, e que privilegio quer pela natureza do seu pensamento, quer pelo facto de ser português, esta questão é sempre colocada: o homem que sabe/vive desta marginalidade que é a sua grandeza mas a sua miséria (na tradição pascaliana que resolve o problema com Deus – em Raul Brandão a afirmação e negação de Deus é indefinida)

Os autores que mais me ficaram: Pascal, Vergílio Ferreira, Miguel Torga, Friedrich Nietzsche, Hölderlin, Rilke, Heidegger, Salazar, Yukio Mishima. Abordei Raul Brandão, mas, na altura, apenas li **Húmus** e, superficialmente, pareceu-me um pensador de muito interesse, mas estranho, difícil, excessivo para aquela altura, a ficar para mais tarde. E critiquei Marx, na altura, um grande pecado!

## 2. Professor

### 2.1. Professor de Filosofia [1984/85 – 1991/92 (até meados de Outubro de 1991)]

Comecei a ensinar Filosofia em 11 de Dezembro de 1984, na Escola Secundária de Serpa. Havia acabado o curso em Junho desse ano, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Pouco antes tinha escrito e enviado um texto para o suplemento do Diário de Notícias, DN Jovem. Foi publicado em 18 de Dezembro, tendo ganho o 1º prémio (cfr. **Apêndice I**). Resumia, esse escrito, o que eu pensava: valorização da Terra e da Vida, da Pátria, da aldeia, do povo simples, da vida simples, recusa de uma civilização materialista, tecnologicizada. E que ainda penso – que fui pensando ao longo do tempo.

Das memórias de Serpa, das suas gentes, dos lugares adjacentes, recordo Pias, Aldeia Nova de S. Bento, hoje Vila Nova de S. Bento, Rosal de la Frontera (Espanha) com imensa saudade. Recordo também lugares gastronómicos quase icónicos, o Molhó Bico, o Lebrinha.

Mantenho ainda alguns alunos desse tempo como amigos, hoje professores ou desempenhando cargos relevantes na sociedade local.

Nos anos seguintes passei, por Coruche, Peniche, Cartaxo, Leiria, e mantive a mesma postura pedagógica. No Cartaxo, publiquei alguns artigos numa revista trimestral da escola, em Leiria fiz parte da secção cultural.

Fiz a Profissionalização em Serviço no biénio 1989/1991, na Escola Secundária de Vendas Novas. No primeiro ano, frequentei disciplinas pedagógicas na Universidade de Évora. Este ano de 1991 ficou marcado pela derrocada final do regime soviético, esse projecto de paraíso terreal e humano assente numa concepção de homem que me havia parecido, e que eu desenvolvera na disciplina de Filosofia Social e Política, errada: o homem não é bom por natureza.

A profissionalização em serviço foi feita no CIFOP (penso que iniciais de Centro de Formação de Professores) da Universidade de Évora. Foi feita em dois anos, o primeiro com frequência de disciplinas de âmbito psicopedagógico: Psicologia da Educação, classificação de 17; Sociologia da Educação e Organização Escolar, classificação de 16; Desenvolvimento Curricular, classificação de 11; Didáctica Específica, classificação de 14; e Tecnologia Educativa, classificação de 15. As classificações atribuídas nesta instituição eram, comparativamente com outras que desempenhavam as mesmas funções, baixas. Isso mesmo era dito pelos responsáveis que acrescentavam haver a necessidade de se encontrar um modo de as aferir (para cima) de forma a que os formandos não ficassem prejudicados.

Foi uma formação interessante, embora, julgo, desproporcionada quando comparada com outras realizadas em ESEs. Na verdade, e por experiência, contacto com colegas que, à época, antes e após, frequentaram outras unidades de formação, os formandos do CIFOP da Universidade de Évora tiveram muito mais trabalho e avaliações inferiores. Isso desagradou-me, ainda hoje me desagrada. De qualquer modo, reafirmo, teve interesse.

Destaco, positivamente, a disciplina de Tecnologia Educativa que me trouxe incentivos ao uso das novas tecnologias de informação e comunicação. O uso do computador como instrumento privilegiado de trabalho foi-me inculcado (adquiri, nessa altura, o meu primeiro computador, um Schneider EuroPC, monitor

negro com linhas cor de laranja). Ao longo dos anos, desenvolvi, de forma autodidática em algumas formações, as minhas competências na matéria.

Neste primeiro ano, destaco, não pela classificação obtida, pela negativa, a disciplina de Desenvolvimento Curricular. No ano anterior, tinha havido uma quezília entre formador e formandos que resultou na atribuição de 0 (zero) a todos. O docente havia faltado imenso, lecionado muito pouco, quisera fazer avaliação e rebentara o conflito. No meu ano, a coisa não foi muito diferente. Aliás, foi caricato ver a discrepância de notas atribuídas a formandos que haviam escrito exactamente o mesmo. O dito professor dava um conjunto de fotocópias, nas aulas falava-se de coisas avulsas; nos testes, as pessoas debitavam, mais ou menos *ipsis verbis*, o que estava nos documentos fornecidos. Tive azar: como gracejávamos, quando o homem mandou os testes ao ar, o meu não caiu em cima da mesa.

A disciplina de Psicologia da Educação serviu-me mais para uma base consistente na leção da disciplina de Psicologia. De Sociologia pouco recorde, apenas que a professora era casada com alguém importante na Universidade (tal como recorde que o de Desenvolvimento Curricular era filho de alguém importante no Instituto Superior Técnico de Lisboa). De Didáctica Específica, lembro-me apenas que tive algumas aulas na sala onde eram realizados os julgamentos da Santa Inquisição.

Em geral, não tenho boas memórias deste primeiro ano de profissionalização em serviço. À parte, como referido atrás, na disciplina de Tecnologia Educativa, o resto foi um exercício pouco estimulante: lições magistrais, apontamentos, exames...

O segundo ano, prática pedagógica, não correu bem. Dominava a taxonomia de Bloom, embora, segundo as ordens emanadas, poder-se-ia elaborar o PFAP (um documento com memória reflexiva/descritiva e planificações) seguindo outro modelo. Por achar inadequado à disciplina, não segui Bloom e justifiquei-o, foi a primeira versão recusada. Houve uma manifesta incompreensão, por parte da supervisora, (julgo que era assim que se designava), da argumentação apresentada quer para fundamentar formalmente as planificações, quer para orientar a minha prática lectiva em termos de concepção antropológica e escatológica. A título de exemplo, não consegui perceber a minha tese central que se pode resumir mais ou menos nisto: a História do Homem é a história da luta entre o Homem e Deus (oscilando a situação entre um deus que cria um homem e um homem que cria um deus ou um homem que sabe que cria deus mas não quer deus embora deus seja um bom fundamento para uma situação confortável no Cosmos). A agravar esta situação, o orientador (julgo que era assim que se designava), um docente de Filosofia que, na engrenagem, funcionava como uma espécie de meu advogado, só foi atribuído em Fevereiro ou Março seguintes, ou seja, a meio, ou mais de meio, do ano lectivo.

Nessa época, como desde sempre, procurei uma forma de comunicação quer em termos de forma quer de conteúdo que pudesse ser mais eficaz. Com frequência, procuro situar-me, e situar, num plano de linguagem acessível aos alunos, que os alunos dominam, que faz parte do seu quotidiano. Por exemplo, mais recentemente, recorro a um documento vídeo disponível no Youtube, Bruno Aleixo na Escola 03 – O Outono, um trecho humorístico, para motivação, despoletamento de situação de aprendizagem e

esclarecimento básico das éticas deontológica e utilitarista. Também, e porque os discentes, de um modo geral apreciam, uso Bruno Aleixo na Escola 04 – A Profissão, para os mesmos fins da temática da Lógica. Na altura, lembro-me de usar textos do livro **História da Filosofia Grega**, de Luciano de Crescenzo, uma obra onde os filósofos gregos são apresentados de uma forma simples, com graça. No Prefácio desse livro, o autor apresenta o seu projecto como um discurso simplificado e de acesso fácil e divertido sobre a Filosofia grega para o porteiro de um prédio (cfr. Crescenzo, 1988, pp. 9-16). O livro começa assim: “Caro Salvatore, és um filósofo, mas não sabes que o és.” (Crescenzo, 1988, p. 9) e acrescenta em nota de rodapé: “Salvatore é o porteiro-substituto do nº 58 da Via Petrarca, em Nápoles, onde reside o professor Gennaro Bellavista.” (Crescenzo, 1988, p. 9).

Infelizmente, a supervisora não percebeu as minhas teses e a minha argumentação – foi uma situação constrangedora: recordo os meus colegas de estágio, de diversas disciplinas (Educação Física, Física e Química, Geografia...) a entenderem-me, a tentarem reexplicar, mas sempre infrutiferamente. Tive, portanto, que refazer tudo e seguir a cartilha Bloom nas planificações.

No âmbito da formação, realizei, com a colaboração da Embaixada do Japão, uma exposição fotográfica, musical e cinematográfica. A encerrar, houve uma conferência em que esteve presente o adido cultural japonês, Hino Hiroshi (julgo não me enganar no nome). Esta exposição sobre cultura japonesa enquadrava-se no âmbito do profundo amor e culto divino da natureza (caso do xintoísmo) aliado ao desenvolvimento tecnológico, algo que era uma das minhas teses fundamentadoras da actividade lectiva: a necessidade de harmonizar a visão científico-tecnológica do mundo com a sua leitura poética, bem expressa nestas palavras de Salazar:

**"Obrigados a viver numa civilização que precisa de ser corrigida para não matar os homens que devia servir, que vicia o ar, cansa os sentidos, esgota os nervos, desequilibra as faculdades, força a máquina humana a exagerado rendimento psíquico, condena a uma intensidade de vida que custa a suportar, que custa a viver, nós somos simultaneamente obrigados a uma obra de defesa, a uma preparação física e moralque compense os desgastes e torne menos sensíveis aos estragos."** (Salazar, 1966, p.21)

**"Não nos seduz nem satisfaz a riqueza, nem o luxo da técnica, nem a aparelhagem que diminua o homem, nem o delírio da mecânica, nem o colossal, o imenso, o único, a força bruta, se a asa do espírito os não toca e submete ao serviço de uma vida cada vez mais bela, mais elevada e nobre. Sem nos distrair da actividade que a todos proporciona maior porção de bens e com eles mais conforto material, o ideal é fugir ao materialismo do tempo: levar a ser mais fecundo o campo, sem emudecer nele as alegres canções das raparigas..."** (Salazar, 1966, p.46).

## **2.2. Professor de Educação Especial [1991/92 (desde Novembro de 1991) - 2005/2006]**

No ano lectivo 1991/1992, fui colocado no quadro da Escola Secundária do Cartaxo onde já tinha leccionado (como professor contratado).

Em meados de Outubro, fui destacado para a Equipa de Educação Especial (EEE) de Porto de Mós. Aí, fiquei responsável pelas escolas de 2º e 3º ciclos do ensino básico: Escola Preparatória de Porto de Mós, Escola Básica e Secundária de Porto de Mós, Escola Preparatória de Mira de Aire, Escola Básica e Secundária de Mira de Aire, Instituto Educativo do Juncal e Ensino Básico Mediatizado de Alqueidão da Serra. Mantive-me com destacamentos anuais até 1996/1997.

Em 1997/98, com o fim das equipas de educação especial e a colocação dos professores de educação especial em escolas, fui destacado para a Escola Básica de 2º e 3º ciclos de Marrazes (EB 2/3 de Marrazes) onde estive até 2005/2006. Aqui, fui coordenador da Educação Especial durante quatro anos (coordenava uma equipa de educadores de infância e professores com cerca de vinte e cinco elementos, a escola tornara-se um agrupamento) e fui, durante esse tempo, membro do conselho pedagógico.

A Educação Especial não é um trabalho fácil. Desde logo porque os alunos com quem se trabalha são portadores de possibilidades diminuídas. Ora, a primeira exigência que se nos coloca é saber de que modo podemos contribuir para a ultrapassagem dessa situação. Depois, há uma envolvimento afectiva forte, para lá de situações de tensão que se geram quando se lida com alguém que foge à norma, com o diferente, o inesperado. E há também uma pressão suplementar dos pares, dos superiores hierárquicos, dos encarregados de educação dos alunos. Aliás, o trabalho que se executa em educação especial estende-se largamente aos encarregados de educação.

Nunca tive problemas de maior, e a minha formação em Filosofia, a atitude filosófica que mantive, estudar na dúvida e agir cuidadosamente, possibilitou-me algum sucesso.

A formação que adquiri para o bom desempenho das tarefas foi oferecida e requerida pela instituição, e, embora não necessário à altura, achei por bem procurar formação superior. Assim, frequentei a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, onde conclui o Diploma Universitário de Especialização em Ciências da Educação (DUECE) – variante de Educação Especial, em 1994.

Esta pós-graduação, ou pós-licenciatura como era usual dizer-se, e que as docentes americanas de alguns seminários julgavam ser um mestrado, compunha-se cinco módulos de 60 horas cada, em horário pós-laboral e ao sábado, mais prática tutelada. O curso era coordenado pelo Professor Doutor Luís de Miranda Correia que também lecionou. Os módulos eram: Fundamentos de educação especial, Avaliação e programação em educação especial: teoria e prática, Princípios e estratégias para ensino da criança/jovem com problemas de aprendizagem e de comportamento, Seminário interdisciplinar de educação especial (composto por: Orientação vocacional e pré-profissionalização do jovem com NEE, Novas tecnologias e a educação especial, Envolvimento de pais e familiares das crianças/jovens com NEE e Intervenção precoce) e Seminário de apoio à monografia final. Havia ainda a prática pedagógica tutelada. Foi, de um modo geral, uma formação excelente com docentes muito bons, quer portugueses quer americanos, convidados, das Universidades de Connecticut e Cornell. Na prática pedagógica, os supervisores sempre mostraram abertura, aconselharam adequadamente e incentivaram a melhores desempenhos. A minha dissertação final foi sobre legislação produzida em Portugal no âmbito da educação especial. A classificação atribuída no final foi qualitativa, Muito bom, mais tarde traduzida, por necessidades concursais, em 18,5 valores. Foi

uma formação que me capacitou para o desempenho em educação especial e que, ainda hoje, me vai servindo, no âmbito da minha lecionação em ambiente prisional.

A diversidade pedagógica em que laborei trouxe-me vantagens pedagógicas. Trouxe também um apurar da flexibilidade mental que capacita para uma abordagem mais compreensiva de cada aluno e, desse modo, um chegar mais eficaz até cada um. E a possibilidade de se ser feliz com muito pouco, com as coisas simples, as coisas mais simples: a criança que finalmente aprendeu a escrever o primeiro nome, que consegue finalmente ler Braille, ou acontecimentos similares! E o reforço da concepção do papel determinante da afectividade no processo pedagógico.

Na EEE de Porto de Mós, deparei-me, no âmbito dos 2º e 3º ciclos, espaço da minha responsabilidade, com um caos quase total. Aconteceu que, em alguns estabelecimentos, não era sequer percebida a função do professor de educação especial. Ou, devido a alguns bons profissionais que me haviam antecedido, o professor de educação especial era alguém que aparecia de vez em quando, ia a umas reuniões, mas sobretudo, era alguém que ficava na sala dos professores a ler o jornal.

Também, neste tempo, tive a responsabilidade de iniciar e implementar o disposto no decreto-lei nº319/91, de 23 de Agosto. A dificuldade maior foi a mudança de paradigma que este documento legal trazia: de um modelo médico-pedagógico (ainda recebi muitos relatórios médicos dizendo que o aluno X ou Y sofria de dificuldades de aprendizagem) passava-se para um modelo eminentemente pedagógico. Não foi fácil. Ajudou-me muito a formação que fiz na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade Clássica de Lisboa (iniciei logo em 1992), uma pós-licenciatura em Educação Especial onde tive muitos bons professores, quer nacionais, quer estrangeiros, em particular do coordenador (também professor do curso), Luís de Miranda Correia.

O relacionamento com os diversos ambientes humanos foi bom, embora, por vezes, e devido a incompreensões, tanto da função do professor de educação especial como da nova legislação, não o tivesse sido com os docentes do regular, psicólogos e direcções de escola.

Acabei por ter bons resultados: recordo sempre o aluno que, no 5º ano, frequentava ainda a Telescola, na altura designada por Ensino Básico Mediatizado, se enganava a escrever o nome e que, no 10º, ganhou um prémio na disciplina de Filosofia.

Na segunda parte deste percurso, na EB 2/3 de Marrazes, deparei-me com um ambiente dominado por algum caciquismo. A educação especial era algo não muito bem compreendido, tida como coutada da Psicologia. Recordo, inicialmente, que a minha colega de funções chorou devido à situação de quase desprezo, como que intrusos, com que éramos tratados. O estabelecimento funcionava como Território Educativo de Intervenção Prioritária, havia uma ou duas figuras (abusivamente) dominantes no panorama da resolução de problemas com aprendizagem e comportamento. Dava-se o caso caricato da existência de currículos alternativos ao abrigo do despacho nº 178-A/93, de 30 de Julho, e do decreto-lei nº319/91, de 23 de Agosto – um perfeito absurdo. Fazer entender que isto não podia ser assim, que a situação dos alunos com necessidades educativas especiais era regulada pelo 319, foi duro (a cacique dominante não queria perder território).

O que mais destaco neste período de trabalho? Dois irmãos, um rapaz e uma rapariga, cegos,

multideficientes, com doenças crónicas, entretanto ambos já falecidos, e a integração, quer no contexto escolar, quer social, de diversos alunos de origem marroquina (tive que aprender, com eles, algum árabe, de modo a, por vezes, melhor contactar com os que chegavam de novo) – ainda hoje mantenho uma profunda amizade com eles, ainda hoje, quando me encontram, me tratam de forma extremamente afectuosa (tal como os pais).

Foi um percurso onde aprendi muito, a que me devotei com muito afinho e emoção, e, confesso, não foi com leviandade ou indiferença emocional que o abandonei, antes pelo contrário.

### **2.3. Professor de Filosofia (2006/07 – actualidade)**

Em 2006/2007, regressei ao ensino regular na Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo, Leiria, onde tinha sido colocado como professor do quadro em 1999/2000.

Quando regressei havia passado muito tempo. Em termos pedagógicos a Escola exigia mais. Isso não me afectou, a experiência de Educação Especial tinha-me habilitado para a superação dessas dificuldades. Além do mais, o DUECE tinha, em termos científicos, aprofundado os meus conhecimentos de Psicologia. É óbvio que tive, de início, alguma dificuldade na gestão do tempo, na gestão de um programa – na Educação Especial geria vários programas. Neste tempo cada vez mais desorientado, mais pulverizado em matrizes fugazes, mais sem esperança, orientar percursos escolares é mais difícil.

A evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação modificara em muito a prática docente. Penso que consegui aproveitar essa modificação como vantagem, quer em termos de sala de aula quer de comunicação extra sala de aula.

Produzi materiais digitais para as minhas aulas, páginas web onde os disponibilizei (ultimamente passei a proceder de forma diferente: a turma cria um endereço de correio electrónico e envio), bem assim como documentos vídeo que coloquei no **Youtube**. Tenho também produzido documentos vídeo para a Semana da Filosofia que se tem comemorado na escola (estes videogramas foram exibidos durante a semana continuamente no átrio da escola).

No corrente ano lectivo, fiz uma palestra no dia da Filosofia. Foi, precisamente, sobre a questão da realidade, dos diversos mundos que podemos construir e da necessidade de sabermos reflectir sobre as suas construções e os desempenhos a ter nesses espaços.

Mantenho as convicções pedagógicas que me têm orientado, e continuo a desempenhar as tarefas letivas, e outras, que me são atribuídas com o máximo de empenho.



**“Ensinar é, com efeito, mais difícil do que aprender. Sabemo-lo bem mas raramente reflectimos sobre isso. Por que é que ensinar é mais difícil do que aprender? Não é porque quem ensina deva possuir uma soma maior de conhecimentos tendo-os sempre disponíveis. Ensinar é mais difícil do que aprender porque ensinar quer dizer "fazer aprender". Aquele que verdadeiramente ensina não ensina mais nada que não seja a aprender. É por isso que a sua acção desperta sempre a ideia de que perto dele, propriamente dito, não se aprende nada. E isso é porque entendemos por "aprender" uma aquisição exclusiva de conhecimentos utilizáveis e entendemo-lo inconsideradamente. Quem ensina só ultrapassa os aprendizes nisto: no facto de dever aprender ainda muito mais do que eles, pois que deve ensinar a "fazer aprender".**

**Quem ensina deve ser mais dócil do que o aprendiz. Quem ensina está muito menos seguro do que faz do que aqueles que aprendem. É por isso que na relação daquele que ensina e daqueles que aprendem, quando é uma relação verdadeira, nem a autoridade do multisciente nem a influência autoritária do que desempenha uma tarefa entram em jogo. É por isso que é uma grande coisa ser-se um "ensinante" e é algo totalmente diferente o ser-se um professor célebre. Se hoje em dia - onde tudo se mede sobre a baixeza e consoante a baixeza, por exemplo sob o ponto de vista do lucro - ninguém quer tornar-se um "ensinante", isso deve-se sem dúvida alguma ao que essa "grande coisa" implica, e à sua grandeza. Devemos manter sempre a verdadeira relação entre aquele que ensina e o aprendiz, se é que queremos que no processamento deste curso haja aprendizagem.”**

**Martin Heidegger, Que significa pensar?**

### **1. Docência de Filosofia: início e profissionalização**

Ao longo destes trinta e um anos de carreira, desempenhei diversos tipos de funções para lá da leccionação. Assim, fui, logo no meu primeiro ano, delegado de grupo, membro do Conselho Pedagógico, na Escola Secundária de Serpa. Foi, pois, o meu primeiro cargo desempenhado. Tratou-se de um cargo no qual me empenhei, afinal era o meu primeiro cargo, o meu início de carreira. Foi um espaço e um tempo de descoberta, de profícua aprendizagem, quer em termos da função exercidas, quer em termos de relações humanas. O conselho pedagógico, para lá da necessária composição multidisciplinar, era constituído por pessoas de diversas idades e diversas formações/origens profissionais. Assim, e a título de exemplo, devo referir que havia um advogado da vila, de certa idade, um outro advogado mais jovem, um engenheiro agrónomo, o padre. Foi muito interessante poder dialogar com todos, confrontar as diversas perspectivas sobre a vida escolar e, sublinho, sobre a vida em geral.

Nesse meu primeiro ano de serviço, imbuído de um forte espírito de missão, julgava poder o meu contributo como professor ser de relevante importância para a vida dos meus discentes. Não é que essa concepção da docência tenha desaparecido mas, ao longo do tempo, a sua intensidade diminuiu. Com tenacidade, procurei não cair na armadilha de um desempenho funcionalizado, banal, de cumprimento dos

dias sem as grandes finalidades a que me propus quando principiei a carreira. Assim, nesse ano, o meu comprometimento foi muito forte. A qualidade que imprimi aos meus relacionamentos, quer com a comunidade educativa, quer com a comunidade envolvente, foi, julgo, elevada.

Ao longo do tempo de carreira, destaco três períodos diferentes: aquele em que estive no ensino regular, entre 1994-1995 e 1991-1992 (neste ano apenas um mês e pouco); aquele que estive na educação especial, entre 1991-1992 e 2005-2006; e, de novo no ensino regular, entre 2006-2007 e a actualidade. Quero ainda distinguir, neste último período, dois espaços bastante diferentes onde tenho leccionado: a Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo, Leiria (ESFRL), a cujo quadro pertenço desde 1999-2000, e, por via de um protocolo entre esta escola e os serviços prisionais, o Estabelecimento Prisional de Leiria-Jovens, vulgarmente conhecido por Prisão-Escola (leccionei também, logo em 2006-2007, no Estabelecimento Prisional de Leiria, vulgarmente conhecido por Prisão Regional; aqui, neste ano, foi coordenador do recorrente). A escola e a prisão são dois ambientes educativos muito diferentes. A minha experiência de educação especial, e a minha formação, facilitou-me a integração no espaço prisional. Ainda, dentro deste espaço, uma marcada distinção entre a Regional, nesta, a população mais adulta, sobretudo com idades e proveniências mais heterogéneas, a Prisão-Escola, com alunos com idades e proveniências mais homogéneas. De igual modo, o tipo de crimes que levaram às condenações.

A prática da educação especial melhorou a prática regular. A minha formação em Filosofia, e em particular as minhas incursões auto-didácticas, ao tempo, finais dos anos 80 do século passado, no campo da Filosofia para Crianças, facilitou a minha introdução na educação especial – iniciei o percurso nesta área no ano lectivo de 1991-1992.

A experiência de educação especial foi-me ainda muito útil quando regressei ao ensino regular, em 2006-2007: uma parte significativa da componente lectiva passou a ser em ambientes prisionais – a formação e a prática que tive em educação especial foram e são de larga importância, afinal, os alunos, neste espaço, são pessoas com necessidades educativas especiais (NEEs). Todavia, foi-me bastante difícil, quinze anos depois, retomar esta actividade lectiva. Foi necessário um grande e múltiplo (pedagógico, científico...) esforço para modificar as rotinas de trabalho. Reconheço que me ajudou bastante a prática de artes marciais, sobretudo a capacidade de sacrifício e disciplina adquirida, a resistência ao esforço, a forte resiliência (tanto no aspecto físico como mental, embora aqui tenha sido útil o campo mental).

No que diz respeito ao primeiro período de ensino regular, desempenhei diversos cargos: delegado de grupo e director de turma (destaco a experiência de director de turma de um técnico-profissional, na Escola Secundária de Peniche, que exigiu bastante, tratava-se de uma turma problemática, foi necessária uma gestão aturada de comportamentos, no sentido de os alterar, gerir positivamente conflitos entre discentes e discentes e entre discentes e docentes – julgo que me saí bem). Também fui director de turma na ESFRL e em Vendas Novas, neste último caso, no âmbito da profissionalização em serviço. Atendendo ao feedback das direcções das escolas, encarregados de educação e dos alunos, bem assim como a avaliação que de mim faço das tarefas realizadas, parece-me poder atribuir-lhes avaliação bastante positiva. Aliás,

em termos de relações humanas, sempre procurei ser flexível, procurar compreender e adaptar-me a cada um daqueles que, de algum modo, se encontraram comigo. O limite: boa educação.

Na Escola Secundária do Cartaxo, no ano lectivo de 1987-1988, publiquei, numa revista da escola, um artigo intitulado **Algumas considerações sobre o homem e a natureza**. Porque me parece de importância para esclarecer a minha visão da Filosofia e do trabalho filosófico (Apêndice IV).

Em Vendas Novas, como foi referido no capítulo I, promovi uma exposição sobre cultura japonesa, patrocinada e apoiada pela Embaixada do Japão, que teve larga aceitação e elevado número de visitas. Participei, com o adido cultural desse país, num colóquio sobre cultura japonesa realizado no mesmo local da exposição, o pavilhão desportivo da localidade.

Também aí, fiz, com dois alunos meus, um programa radiofónico, na Rádio Granada, que se chamava **O silêncio das horas**. Era um programa de cariz cultural e informativo. Destaco, entre outros temas, entrevistas com o presidente do conselho directivo da minha escola, entrevistas com outros professores no sentido de expor, aos ouvintes, matérias diversificadas. São momentos que ainda hoje recordo com emoção, bem assim como os alunos que comigo participaram nessa realização. 11º anos. Também aí, organizei diversas visitas de estudo e, resalto, uma, em colaboração com o professor de Religião e Moral, a Lisboa, aquando da visita do Papa João Paulo II.

No ano após a profissionalização em serviço, fui colocado como professor do quadro de nomeação definitiva na Escola Secundária do Cartaxo. Já aí havia estado em 1987-1988, muita da comunidade educativa era-me familiar. Fui nomeado director de turma e leccionava Filosofia e Psicologia aos 10º e 11º anos.

## **2. Docência em Educação Especial: EEE de Porto de Mós e EB 2 3 de Marrazes**

A viver em Leiria, deslocava-me diariamente de carro para o Cartaxo. Por razões de ordem familiar, esta situação era bastante adversa. Surgiu, então, a possibilidade de destacamento para uma equipa de educação especial. Em meados/finais de Outubro (não consigo precisar a data), fui colocado na Equipa de Educação Especial de Porto de Mós. Tinha que prestar apoio às diversas escolas do 2º, 3º ciclo e secundário do concelho. Assim, deslocava-me à Escola Preparatória de Mira de Aire, à Escola do 3º ciclo e Secundária de Mira de Aire, à Escola Secundária de Porto de Mós, à Escola Preparatória de Porto de Mós e ao Instituto Educativo do Juncal (uma instituição privada com turmas do 5º ao 12º ano). Também apoiava o Ensino Básico Mediatizado (vulgarmente conhecido como Telescola) de Alqueidão da Serra.

No período de educação especial, enquanto colocado na Equipa de Educação Especial de Porto de Mós, fui solicitado a ser o coordenador da equipa por diversas vezes mas, por razões de ordem pessoal, nunca acedi.

Neste tempo de educação especial, trabalhei com alunos portadores de problemática diversa. A maior percentagem integrava-se no que habitualmente se designa por dificuldades de aprendizagem (uma tradução não muito feliz do original inglês *learning disabilities* que os espanhóis traduzem melhor: *discapacidades del aprendizaje*). Trabalhei também com uma aluna cega, na Escola Preparatória de Mira de

Aire e depois na Secundária. Para adquirir competências, fui fazer uma semana de formação a Coimbra, ao Núcleo de Apoio à Deficiência Visual da Direcção Regional de Educação do Centro. Aprendi o alfabeto Braille, a preparar materiais e formas de procedimento com cegos. Foi uma das experiências mais interessantes. O trabalho com esta aluna, que se prolongou por três anos, nem sempre foi fácil. Também trabalhei com dois alunos surdos, nesta mesma Escola Preparatória de Mira de Aire.

Quero também destacar um aluno, na Escola Preparatória de Porto de Mós, que um relatório psicológico resumido indicava como tendo um quociente de inteligência “situado no muito superior” (cito) e não conseguia escrever. Os seus cadernos, normalmente compostos por folhas soltas, continham uma espécie de escrita hieroglífica. Considerando o absurdo de um relatório psicológico se limitar a indicar o quociente de inteligência (era de facto uma coisa muito importante para o trabalho pedagógico, assim, sem qualquer detalhe) sem mais, os professores não conseguiam lidar com o aluno adequadamente: como é que um aluno extremamente inteligente não conseguia escrever? Alguns punham em causa o relatório, outros o aluno, rotulando-o de preguiçoso. Foi um caso que me foi entregue quase de passagem pois, entendiam, um aluno com um tal nível intelectual não se enquadraria de modo nenhum na educação especial. Comecei a trabalhar com ele no final do 6º ano. Transitou para a secundária da mesma localidade e trabalhei com ele todo o 7º ano. Fez progressos extraordinários, conseguiu começar a escrever. Os resultados académicos sobressaíram. No 8º ano, uma excelentíssima professora sabichona achou que o rapaz não precisava de qualquer apoio. Regrediu, abandonou a escolaridade logo no início do 9º ano. Fiquei enraivecido.

Um outro caso que quero destacar é o de um aluno do Ensino Básico Mediatizado de Alqueidão da Serra. O aluno tinha problemas emocionais, a situação familiar proporcionava-o. Padeceu daquilo a que vulgarmente se designa por dislexia/disortografia. Chamava-se Asdrúbal. Para ilustrar as dificuldades, julgo bastar referir que escrevia o nome como Asdroval ou Asdrububal. Este facto contribuía para algum bullying, os colegas frequentemente lhe chamavam não Asdrúbal, mas Asdroval ou Asdrububal. Durante o 5º e o 6º ano, os progressos foram muito lentos e quase desesperantes. Transitou para a Escola Secundária de Porto de Mós e a situação alterou-se. Aluno esforçado e trabalhador, superou as dificuldades em larga medida e tornou-se um aluno de referência. Mais tarde, soube-o por um jornal regional, o Asdrúbal ganhou um prémio da disciplina de Filosofia, no 10º ano.

Também nesta Secundária de Porto de Mós, quero referir uma aluna, ao tempo amblíope, mas padecendo de uma doença degenerativa que a ia levar brevemente à cegueira, a quem ensinei Braille. Recordo um debate com um médico em Coimbra, que a assistia, e que me disse, cinicamente, se seria bom ensinar alguém a andar de muletas, saudável, e apenas porque se sabia que iria ficar com um joelho danificado... cinicamente, respondi que a medicina era, bastas vezes, uma ciência muito falível.

Recordo ainda o caso de um aluno, no Instituto Educativo do Juncal. Tratava-se de um jovem que não sabia ler nem escrever, teria, na altura, doze ou treze anos. Trabalhei arduamente com ele no 5º e 6º ano, e nada. De súbito, no 7º ano, fez-se luz. Embora sem desempenhos brilhantes, de um padrão de erros ortográficos/leitura de 80 a 90%, desceu para um de 20 a 30%. É uma das situações mais peculiares que tive. Uns anos depois, no MacDonalds de Leiria, veio ter comigo, nem o reconheci à primeira, e espelhava

felicidade e reconhecimento pelo que lhe ensinei.

Um outro caso, neste estabelecimento, e que estudei exaustivamente no âmbito da já referida pós-graduação que fiz em educação especial, era um de um aluno também com problemas de dislexia/disortografia e problemas de fala (recordo que o rapaz queria ser locutor de rádio). Não conseguiu grandes progressos. Fiz de terapeuta da fala também. Encaminhei-o profissionalmente. Guardo algures o trabalho que fiz com ele: uma análise de caso à luz do modelo de Kaplan (segue em Apêndice V).

No segundo período, em que estive colocado na Escola Básica de 2º e 3º ciclos de Marrazes, Leiria, também instado a ser coordenador, acabei por aceitar e desempenhei esse cargo durante quatro anos lectivos. Foi uma experiência árdua, por vezes mesmo conflituosa, com o designado Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) e alguns docentes, em particular uma, que se julgavam donos e senhores da educação especial na escola. De um modo muito resumido, eram, para lá de questões de ignorância pura em matéria de procedimentos técnicos e legislativos em educação especial, ainda não tinham, por exemplo, percebido o Decreto-Lei nº319/91, de 23 de Agosto, e legislação posterior que o regulamentava, uma situação de não quererem perder feudos e, sobretudo, como é próprio de algum tipo de pessoas, não aceitarem, humildemente, o saber competente e adequado de outros. A situação arrastou-se até ao último ano, sobretudo a usurpação de funções, entretanto, eu havia-me deixado de reclamar, como se costuma dizer, que se amanhassem se viesse confusão. Neste ano, a entidade supervisora detectou essas irregularidades, por exemplo a sinalização de alunos, a feitura de Planos Educativos Individuais, o assinar como responsáveis documentos para apreciação superior, e a escola ficou em situação delicada, como a não autorização de abertura de algumas turmas que deveriam ser reduzidas por terem alunos com necessidades educativas especiais. Tive que ser duro em Conselho Pedagógico, assumir uma postura verrinosa e, reconheço, indelicada. Julgo que, após tantos anos de ostensiva ignorância do que eu dizia, eu merecia-o, eles mereciam-no. Resultado: tive que trabalhar na correcção de erros que não haviam sido meus, evitáveis se me tivessem ouvido, tendo-se esse trabalho prolongado para período de férias. A direcção acabou por reconhecer a razão que me assistia nas minhas apreciações. Saí desse estabelecimento com rancor por um ou outro elemento, sobretudo pela incompetência, mesquinhez e deslealdade de um elemento dos SPO.

Para lá destas quezílias estranhas ao departamento de apoio educativo, o próprio grupo era difícil de gerir. Muito extenso, a escola havia-se tornado agrupamento vertical, conglomerando jardins de infância e escolas do 1º ciclo, o número de docentes sempre se situou entre os vinte e cinco e os trinta. Também um largo número destes elementos não percebia o espírito do o Decreto-Lei nº319/91, de 23 de Agosto. Continuavam a não perceber a primazia dos aspectos pedagógicos. Achavam que outros serviços, como serviços médicos, de psicologia, eram centrais e não acessórios no processo. Procurei, em colaboração com alguns elementos, criar uma série de instrumentos que uniformizassem procedimentos de sinalização de alunos e que permitissem proceder a uma primeira avaliação. Criou-se o hábito de reunirmos o grupo todas as quartas-feiras de modo a apresentar casos, a analisá-los, a procurar as

estratégias num sentido colaborativo e de partilha.

Um outro grupo, mais difícil, com que trabalhei foi o que se designa por problemas ou distúrbios de comportamento. Não consegui muito sucesso nesta área.

Depois, na Escola Básica de 2º e 3º ciclos de Marrazes, Leiria, trabalhei na integração de alunos e alunas vindos de Marrocos. Foi uma das tarefas mais exigentes, mas, ao mesmo tempo mais fascinantes. Consegui imenso sucesso e, ainda hoje, muitos deles já casados, pais de filhos, continuam a ter imensa estima por mim, quando me encontram nota-se a alegria e o reconhecimento pelo que fiz por eles. Ensinei-lhes a falar, a ler, a escrever. Mas também os levei às vacinas... procurei integrá-los socialmente fornecendo-lhes uma série de elementos e fazendo-os adquirir competências para tal. Aprendi muito com eles, aprendi rudimentos de árabe, sobretudo numeração. Assim, podia-se, desde logo, trabalhar Álgebra. Recordo particularmente uma menina, com cerca de doze anos que tinha apenas frequentado a escola, no seu país natal, quando tinha sete anos, por um período muito curto. Conseguiu muito rapidamente aprender cálculos simples e funcionais. A escrever foi pior...

Nesta escola, também trabalhei com deficientes mentais e multideficientes. Foi um trabalho muito exigente.

A diversidade de etiologias requeria sempre flexibilidade mental e de procedimentos. Com o lema cada caso é um caso, estudei profundamente cada aluno, a título de exemplo refiro casos designados por dislexia. A confusão dislexia, disortografia, disgrafia, imperava.

Recordo alguns casos em que os encarregados de educação estavam a cair em grandes e dispendiosos logros, por pessoas e ou instituições fora da escola, pensando estar a contribuir para a recuperação dos seus educandos. Tive, num caso particular, a oportunidade de debater essa questão com uma encarregada de educação. Tranquila e detalhadamente, com os materiais da aluna à frente, mostrei-lhe os padrões de erro e demonstrei que o que lhe estava a ser proposto, ainda por cima com elevado dispêndio, por um suposto especialista em dislexia era um logro completo. A senhora compreendeu.

Foi com alguma mágoa, mas com a satisfação do dever cumprido, que abandonei a Escola Básica de 2º e 3º ciclos de Marrazes, Leiria. Os meus alunos não ficaram muito agradados. Na altura, tive que fazer uma opção: passar para a Educação Especial e concorrer a lugar de quadro numa escola vinculando-me a este grupo, ou regressar à escola a cujo quadro pertencia e, necessariamente, a leccionar Filosofia. Foi uma escolha difícil, quinze anos depois, o retomar a actividade com um grupo-turma assustava-me. Ainda, e para lá do possível abandono da Filosofia, a título definitivo, a introdução da Classificação Internacional de Funcionalidade, vulgo CIF, não me agradava. Há alguns anos que tinha tido contacto com esta catalogação e não me parecia adequada, antes redutora. Assim, após estes três factores contra a permanência na educação especial, resolvi regressar às origens.

### **3. Regresso à Docência de Filosofia**

Como atrás referi, pertencia ao quadro da Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo, Leiria, desde o ano lectivo de 1999-2000. Foi, desde logo, um tempo de apreensão, de angústia. A postura e

exigência pedagógica que se avizinhava, e que eu abandonara quinze anos atrás, consumiu-me alguns dias e noites. Neste regresso, foi-me atribuída a leccionação no Sistema de Unidades Capitalizáveis, Filosofia e Psicologia, Filosofia, 11º ano, no Ensino Recorrente, na escola, e ainda, por escolha minha, Filosofia, 10º e 11º anos, também em modo de Ensino Recorrente nos dois estabelecimentos prisionais de Leiria. Fui também coordenador, numa turma de Recorrente, na Prisão Regional.

No ambiente prisional, a minha experiência de educação especial facilitou-me a vida. Não tive qualquer problema, o ano correu normalmente, muito acima das minhas expectativas.

No Sistema de Unidades Capitalizáveis, para recordar, e resumidamente, havia um manual complicadíssimo e quase inacessível pelo qual os alunos estavam, iam a umas aulas esclarecer dúvidas e, quando se sentissem preparados propunham-se à avaliação da unidade. Percebi, de imediato, que o procedimento não teria grande sucesso. Passei a laborar de modo diferente. Três etapas: primeira, apresentação introdutória dos tópicos de cada unidade, segunda, resumos de cada item, terceira, ficha formativa – o manual seria assim mais acessível, a complexidade e dispersividade anulava-se em larga medida. As aulas passaram a ser muito mais profícuas com estas linhas de trabalho. Resultou, os alunos passaram a fazer muito mais unidades.

No Ensino Recorrente, nocturno, na escola, senti mais dificuldades, houve algumas reclamações de alunos, também cometi o erro de lhes dizer que estava tinha estado quinze anos noutra serviço, de qualquer modo, no final do primeiro período estava tudo em velocidade de cruzeiro.

Passado este ano de readaptação que, julgo, de um modo geral, foi bastante positivo, no ano e anos seguintes, a normalidade impôs-se. Foi mais difícil de conseguir o domínio científico do que o de relacionamento e gestão da sala de aula. Os programas haviam mudado e, além do mais, quinze anos longe da Filosofia marcam. Tenho, desde então, estudado com afinco de modo a superar esse problema, mas ainda hoje, reconheço, sinto dificuldades.

Globalmente, julgo, as minhas prestações e integração na escola foram muito positivas. Conquistei, com muito trabalho empenhado e disponibilidade, um lugar confortável. A minha relação com toda a comunidade educativa é excelente, as direcções têm reconhecido o meu trabalho e, permita-se-me a imodéstia, quando há tarefas mais exigentes, lembram-se de mim. A minha coroa de glória tem sido o meu trabalho em ambiente prisional.

Nestes anos, leccionei Filosofia aos 10º e 11º anos, ensino regular e recorrente, Psicologia, ensino regular e recorrente, e Sociologia ao 12º, e, EFAs B3 e Secundário (este quer na prisão quer na escola). Leccionei Cidadania e Empregabilidade, Cidadania e Profissionalidade e Comunicação, Língua e Cultura. Foi, neste sistema de ensino, mediador. Sempre me saí bem, os alunos também o consideraram. Leccionei também a disciplina de Sociologia e Psicologia num curso profissional de Museologia.

Devo destacar algumas realizações.

No âmbito da Psicologia, na Prisão-Escola, com os alunos, realizámos, aplicámos e tratámos um inquérito à população reclusa, sobre a preparação para a vida pós-reclusão. Foi extremamente o interessante, foram extremamente interessantes, e paradoxais, as conclusões: o ambiente prisional não preparava para o

reingresso na vida normal, mas, em elevada percentagem, todos se sentiam preparados para a vida no exterior.

No âmbito da Sociologia, leccionei apenas um ano, na escola, enveredei por metodologia de trabalho de projecto. Os meus alunos realizaram trabalhos de muito interesse e qualidade. Alguns, julgo, ainda estão disponíveis no Youtube. Foram trabalhos diversificados, desde a clássica monografia e apresentação, como entrevistas à população sobre diversos temas, pequenos e médios videogramas. Recordo que um grupo pegou numa cadeira de rodas e foi testar acessibilidades dialogando com pessoas. Recordo entrevistas magníficas realizadas numa instituição de terceira idade. Recordo as brilhantes realizações cinematográficas de um grupo, filmes notáveis, apelativos, carregados de humor... Tenho-os todos gravados em DVD e, ainda recentemente, um aluno me pediu os trabalhos que ele e o grupo dele fizeram. Dei-lhos. São alunos que já completaram a sua formação superior, já se encontram no mercado de trabalho há alguns anos. Continuam a saudar-me muito afectuosamente e reconhecidamente sempre que me encontram. Marcaram-me, foram exigentes, correspondi. Fizem com que eu passasse a produzir também videogramas diversificados sobre matérias de Sociologia, inicialmente, depois de Psicologia e Filosofia.

No campo da Filosofia, privilegiei sempre as questões dos valores, sobretudo os valores ético-políticos. Também reforcei a minha perspectiva da origem e natureza da Filosofia, de modo a que os alunos consigam melhor perceber a situação do Homem.

Devo também referir que fiz uso das tecnologias de informação e comunicação, amiúde, e de forma que julgo eficaz. Desde o ano passado, disponibilizei a minha conta Facebook Messenger para esclarecer dúvidas. Eu e os meus alunos chegámos à conclusão que havia essa necessidade, sobretudo ao fim de semana. Também, quando as aulas não bastavam, ou quando o período de tempo entre a última aula antes de testes e o dia do teste era mais alargado. Resultou bem.

Ao longo deste período de tempo, fui director de turma. Sempre correu bem, resolvi problemas, ou encaminhei para resolução, quando não era da minha competência. Os meus relacionamentos, neste âmbito, quer com educandos, quer com encarregados de educação, foi excelente. Também julgo considerar positivo o meu trabalho como mediador EFA B3. Foi, neste caso, um trabalho mais exigente, uma vez que desenvolvido em ambiente prisional. Os formandos têm, por norma, uma frequência irregular, outras vezes, acabam o cumprimento da pena ou saem em liberdade condicional, o que exige um maior, e nem sempre fácil, número de contactos. É também frequente acontecer a perda de contacto com formandos ficando algumas situações não resolvidas.

Tenho realizado o lançamento de termos de exame, por diversas vezes assumido o cargo de coordenador dessa tarefa, também fiz a revisão de todos os livros de termos da escola, e fui, neste ano, corrector de exames nacionais. Não senti qualquer dificuldade na realização destas tarefas.

Desempenhei também as funções de coordenador de nível de disciplina, 10º e 11º anos de Filosofia. Não tive quaisquer problemas nestes desempenhos.

Tenho participado activamente na comemoração do Dia Mundial da Filosofia, quer na organização,

quer na produção de materiais para apresentação pública. Estes materiais, já referidos no capítulo I, têm tido apreciação positiva. Neste ano de 20015-2016, fiz inclusivamente uma conferência<sup>1</sup>. Neste âmbito, tenho projectado um convite a um filósofo romeno, Gabriel Vacariu, com quem amiúde troco impressões, para uma videoconferência sobre aspectos inovadores da sua produção filosófica: os mundos epistemológicos diferentes.

---

<sup>1</sup>O conjunto de diapositivos que usei segue em Anexo VI.

### **Capítulo III - Reflexão crítica**

## 1. As minhas crenças pedagógicas

Retomando o texto de Lewis Carroll colocado em epígrafe na introdução do Capítulo I, eis algumas questões fundamentais (e banais) presentes no meu quotidiano: quem sou eu (autor e protagonista principal desta ou destas histórias)?, o que é o mundo (espaços e palcos existentes, um por mim criado, onde se desenrola, onde se condiciona, esta história)?, diria, num registo mais simples, o que é a realidade (de que eu também faço parte)? E a velha pergunta kantiana, o que devo fazer (ou o que devia e devo fazer enquanto professor)?

A educação, velha invenção grega, obedece a uma determinada concepção antropológica, radica na crença de que o Homem não nasce subjugado ao destino: Tirésias perde toda a sua importância com o aparecimento da versão filosófica do Homem, tal como a diversidade de oráculos. O Homem passa a ser moldável, não um produto predeterminado por entidades estranhas ao próprio Homem. De igual modo, toda a estratégia e instrumentos de transmissão e encaminhamento para a aquisição de saberes, funcionais ou não, seguem semelhante fundamentação. Como diz Fullat,

**“La didáctica proporciona pautas, normas, sobre como enseñar a leer: nunca, sin embargo, prescribe la necesidad moral de enseñar a leer al prójimo. Esto conoce otros horizontes: los valores antropológicos a cuales se está de hecho adherido, habiendo podido estar adherido a otros, de los cuales de prescindir o a los que incluso se vitupera.”** (Fullat, 1979, p.232)

Como professor, ciente do comprometimento com todas as comunidades, quer mais restritas, a sala de aula, quer mais latas, no limite a humanidade em geral, tive, e tenho que assumir uma consistente perspectiva antropológica. Como docente de Filosofia, essa tarefa facilita-se, por um lado, mas torna-se mais exigente, por outro: a consciência da responsabilidade acresce. Não modifiquei a minha concepção de homem desde a minha juventude: foi e é uma concepção pessimista.

O meu primeiro axioma: “Deus cria-me a mim, eu crio Deus. Uma verdade pode não existir. Com uma mentira posso forjar outro mundo” (Brandão, 2012, p.15). Um outro axioma que deriva deste: a vida do homem, ou as vidas do homem são criações suas, “fui eu que criei tudo na vida. Destaquei da massa confusa, da mescla, o tempo – destaquei a morte – destaquei o sonho” (Brandão, s/da, p.101), mas que é nada diante do Universo, diante do que cria, e isso incomoda:

**“Sou nada diante do universo. Mas teimo, mas discuto comigo e contigo ó espanto, mas defronto-me com o enigma, encarniço-me e saio daqui esfarrapado, despedaçado – mas teimo e hei-de vencer-te. Não quero morrer de vez. Não quero perder a consciência do universo nem a sensibilidade do universo. Eu sou nada, tu és o infinito – hei-de por força vencer-te!”** (Brandão, s/da, p.101).

Foi nesta definição de Homem todo-poderoso, por excessivas vezes desgraçadamente demasiado todo-poderoso, que me situei e situo para a minha protagonização docente.

A educação, julguei-a e julgo-a, exerci-a e exerço-a, como acto de criação, recriação, do homem, enquanto protagonista de si, enquanto autónomo, responsável, livre, solidário, de construir e ser humanidade: “Num lugar onde não houver homens, esforça-te por ser homem.” (Ética dos Pais, 2,5), de

seguir preceitos fundamentais da nossa civilização:

**“Ben Zoma disse: Quem é sábio? Aquele que aprende com todos [e com cada um], pois foi dito, (Salmos 119, 99): 'De todos os que me ensinaram obtive sabedoria; e os teus testemunhos são minha meditação'; quem é forte? Aquele que domina sua [má] inclinação, pois foi dito, (Provérbios, 16, 32): 'Aquele que é lento para a ira é melhor que o homem forte, e aquele que domina suas emoções é melhor que aquele que conquista uma cidade'; quem é rico? Aquele que se contenta com a sua parte, pois foi dito (Salmos, 128, 2): 'Quando comes do [produto do] esforço de tuas mãos, feliz és e o bem estará contigo'. 'Feliz és'- neste mundo; 'e o bem estará contigo' - no Mundo Vindouro. Quem é honrado? Aquele que honra aos outros, pois foi dito (Samuel, I, 2, 30): 'Decerto, os que Me honram, honrarei, e os que Me desprezam, degradar-se-ão.’” (Ética dos Pais, 4,1)**

Metodologicamente, Agostinho da Silva:

**“o mestre é o homem que não manda; aconselha e canaliza, apazigua e abranda; não é a palavra que incendeia, é a palavra que faz renascer o canto alegre do pastor depois da tempestade; não o interessa vencer, nem ficar em boa posição; tornar alguém melhor — eis todo o seu programa [sublinhado nosso]; para si mesmo, a dádiva contínua, a humildade e o amor do próximo.”**

Dividirei esta reflexão sobre a actividade docente em duas partes: uma sobre a Educação Especial, 2.2.1., e outra sobre a Filosofia, 2.2.2..

## **2. Docência de Educação Especial**

A minha dissertação final de pós-graduação em Educação Especial debruçava-se sobre a evolução da legislação em Portugal nessa área educativa<sup>2</sup>. Essa evolução é marcada, e uma forma muito geral, por duas concepções paradigmáticas bem distintas: uma que propõe a educabilidade (ou ineducabilidade) com base em critérios médicos, outra que propõe a educabilidade (não já a ineducabilidade) com base em critérios predominantemente pedagógicos. Esta última perspectiva aparece consignada no Decreto-Lei 319/91, de 23 de Agosto, que passou a reger a prática da Educação Especial no sistema educativo português, no ano lectivo de 1991-1992<sup>3</sup>, ano esse em que comecei a trabalhar nesse sector, como acima já ficou referido. Resumidamente, este decreto-lei propõe a prestação de serviços educativos para crianças e jovens com NEEs de acordo procurando a sua inserção satisfatória quer em espaços educativos, quer em outros espaços, nomeadamente a preparação para a vida activa, algo mais dificultado devido às condicionantes pessoais e sociais.

Os princípios educativos que guardo para a Filosofia também os guardei para o meu tempo de docente de Educação Especial. Para este tipo de docência, é requerida muito mais a componente pedagógica do que a componente científica. É, sobretudo, um trabalho de investigação/acção. No ensino regular, temos classes

---

<sup>2</sup> O título é **LEGISLAÇÃO PORTUGUESA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL (Evolução no tempo e actualidade)**.

<sup>3</sup> Regulamentado pelo Despacho 173/ME/91, de 23 de Outubro, para os 1º, 2º e 3º ciclos; pela Portaria nº611/93, de 29 de Junho, para o pré-primário, e pela Portaria nº613/93, de 29 de Junho, para o ensino básico mediatizado.

mais ou menos homogêneas ou, pelo menos, grupos que se enquadram em padrões delimitáveis por alguma uniformidade de competências. Na Educação Especial, as coisas não são assim, nem podem os discentes ser encarados como grupos uniformes. São-no em termos de catalogação e administração educativa, os estabelecimentos enquadram os seus alunos com NEE sem grupos de modo a haver uma requisição satisfatória de pessoal.

Segundo a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), um manifesto universal sobre e para a escola inclusiva, a escola obriga-se a reconhecer diferenças e providenciar serviços adequados para a satisfação das necessidades dos seus alunos. Deve adaptar-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de forma a promover o sucesso educativo, através de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades (UNESCO, 1994, p.21). A escola inclusiva é marcada por uma variedade de interesses e ritmos de aprendizagem que respeitam alunos únicos na sua diversidade.

Foi neste quadro, nem sempre de modo fácil, como acima referi, que trabalhei quinze anos. Sobretudo, procurei vincar a primeira importância dos professores que quotidianamente lidam com os alunos, que os conhecem, que conhecem as estratégias pedagógicas realmente. Foi uma luta árdua contra especialistas mais ou menos capazes e que determinavam percursos, minorizavam as tarefas docentes. Foi neste quadro adverso, quer pelo lado dos discentes, quer pelo lado dos docentes com quem directamente trabalhava e orientava, quer pelo lado de outros técnicos, que laborei. O meu primeiro objectivo foi formar homens e mulheres capazes de enfrentar os diversos ambientes em que se situavam e se viriam a situar com a eficácia possível, dados os constrangimentos próprios desses indivíduos, quer dos que com eles lidavam ou viriam a lidar.

Em Educação Especial, pois, cada aluno é uma turma. A análise que deve ser feita, a exemplo do constante no Apêndice V, é tendencialmente exaustiva. Foi neste âmbito que trabalhei, uma investigação aturada de cada caso, uma reflexão estratégica, o delinear de formas de agir, uma constante avaliação e aferição dos procedimentos, em conjunto com os outros elementos participantes no processo educativo. A minha intervenção foi, nalguns casos, malsucedida, noutros com sucesso, noutros temporariamente insatisfatória, depois conseguida. Em termos de desempenho do cargo de coordenador de grupo de apoio educativo, incuti a necessidade de um trabalho colaborativo. Com a equipa de coordenação distrital que tinha funções de supervisão e administração, o relacionamento sempre foi bom, sempre me compreenderam, apoiaram e sugeriram formas de resolver conflitos que, como acima referi, se proporcionaram com alguns elementos da comunidade da escola onde eu estava colocado. Chamados os elementos desta equipa a apreciarem algumas questões sempre consideraram que eu estava correcto nas directrizes que dava e nos procedimentos que usava.

Os alunos com quem trabalhei inseriam-se em diversas categorias, sobretudo alunos com dificuldades de aprendizagem (como já referido, este termo, em português traduz o inglês learning disabilities). Em termos técnicos muito gerais, faz-se a catalogação de um indivíduo nesta categoria quando apresenta um quociente de inteligência normal mas não consegue produtos educativos consentâneos com

a norma. Vulgarmente são apresentados como dislexias, embora esse termo seja difuso, há diversos tipos de dislexia, e para mais, designavam-se com esse termo alunos com disortografia e mesmo disgrafia. Frequentemente também me eram referenciados para intervenção alunos com a indicação genérica de que não estavam concentrados nas aulas, que eram hiperactivos, eu adiantava sempre que talvez fossem apenas irrequietenos... Este tipo de comportamento, de desligamento das actividades da sala de aula, pode ser sintoma de diversos problemas. Fundamentalmente, de dois: dificuldades de cognição e emocionais. Por vezes, é de difícil distinção a pertença a um ou a outro. De outras, surgem mesclados. O aluno que não consegue resultados positivos instabiliza-se emocionalmente, quer por si, quer por efeitos de escárnio de outros seus parceiros ou de suas relações próximas. Muitas vezes, apareciam alunos de ambientes familiares muito desestabilizados. Alguns casos gravíssimos. Recordo, a título de exemplo o de um aluno que esteve a meu cargo desde o 5º e que foi acusado de abusar sexualmente de irmãos mais novos, no final da frequência do 6º ano, julgo que em início de férias. Inclusivamente o caso foi à televisão e uma professora prestou declarações sobre o caso nesse meio, pouco abonatórias para com o aluno em causa. Ora, no decorrer do 7º ano, o aluno foi bastante escarnecido, agredido mesmo, por algumas vezes tive que o proteger fisicamente. Começou a ter assiduidade irregular ou, a estar na escola e ir a correr para casa invocando diversos motivos. A verdadeira razão, soube-se depois, era que a própria mãe o prostituía com homens mais velhos retirando daí proventos económicos. Embora tendo sido dado conhecimento disso a instâncias de protecção de menores, o caso não teve o devido desenvolvimento judicial. Acrescento que, desta família, eu já tinha feito intervenção junto de um rapaz, com deficiência mental, que era filho do avô (na altura vivia com a avó e o avô-pai).

Este trabalho de educação especial era muito desgastante a nível emocional. Estabelecendo-se relações afectivas fortes com os indivíduos apoiados e com as famílias, muitas vezes vivia, como meus, os seus graves problemas, os seus dramas.

### **3. Docência de Filosofia**

A minha perspectiva sobre a origem e natureza da Filosofia não coincidia, nem coincide, com a que era e é, hoje não de forma tão vincada, geralmente exposta nos manuais da disciplina: o espanto aristotélico e sua consequente interrogatividade. Para mim, então como hoje, a Filosofia nasceu não do espanto, sempre disse que uma galinha também se espanta e interroga, um burro também se espanta e interroga, o Homem pré-filosófico também se espantava e interrogava e respondia. Assim, considerei e considero que a invenção da Filosofia constitui a fundamentação de um tipo de resposta único, original, um momento em que um ser vivo percebe que pode, a partir de si mesmo, compreender e organizar o mundo, construir narrativas em que ele é senhor do mundo, senhor de si, libertado de toda uma entidades que dominam e regulam o mundo, que lhe fixam o destino, como as Moiras gregas, uma fundamentação que lhe permitiu ocupar o lugar dos deuses na protagonização da História, que retirou os deuses caprichosos e imprevisíveis do mundo, do funcionamento do mundo.

Tenho a origem da Filosofia e do Humanismo, e tomo aqui termo Humanismo na sua definição mais geral, como contemporâneas. Todavia, o deslumbramento do Homem e a sua sobreposição ao mundo, não trouxeram bons resultados ao Homem e ao mundo. Sobretudo, o ensimesmamento do Homem, esse Narciso deslumbrado possuidor de domínio simbólico e material sobre si e sobre o mundo. Erro de Sócrates, que marcou a História: “Socrates claimed ‘The unexamined life is not worth living’ (**Apology**, 38). ‘Know thyself’. Yes, but: ‘Life in an unexamined world is not worthy life either’” (Rolston III, 2010, p.x). Assim, achei, e acho, que deve prevalecer esta necessidade de examinar a vida, mas também examinar o mundo.

O que eu defendia, e defendo: o afastamento do homem da natureza, esse modo de vida fundamentado e mediado pela filosofia, na sua versão socrática e sofística, e pelo seu braço executor a ciência e pelo seu braço executor a técnica, não é válido – e este aviso do Grande Chefe Dwamish, Seattle, em 1854:

**“(...) vós caminhareis para a vossa própria destruição repletos de glória, inspirados pela força do deus que vos guiou a esta terra e que, por algum desígnio superior, vos deu o domínio sobre ela e sobre os Peles Vermelhas.”**

Alias, o primeiro texto que usei no meu trabalho docente foi este discurso. Este documento (de origem controversa, o que não impede o seu valor) marcava, marca, valores que julgava, julgo, fundamentais: o mundo como espaço comum, a simplicidade da vida na proximidade da natureza, o respeito por todos os seres, o cuidado com que devemos tratar os animais, as árvores, a terra, o ar, as águas, a recusa de uma civilização predominantemente materialista, técnica, e, na época, titular da possibilidade (na ordem do dia, a Guerra Fria mantinha-se) da destruição do planeta; e ensinei esses valores, procurei argumentar da sua validade. Uma outra obra de referência, neste meu primeiro ano de docência, foi o pequeno livro de Gaston Bachelard, **La flamme d'une chandelle**. Foi um dos livros que mais me marcou, sobre o qual trabalhei na universidade, e que reli não sei quantas vezes. Trata-se de uma rêverie sobre a maravilha e a fragilidade do mundo, um percurso humano de contemplação e meditação sobre o mundo, sobre a fragilidade do mundo e do homem, da relação do homem com o mundo, um leve sopro extingue a chama, um leve sopro extingue a vida, mas ambas são maravilhosas, ambas o são quando vistas pelos poetas, a chama da candeia funcionando como operador e como paradigma do mundo: “Dans une flamme, le monde n'est-il pas vivant?” (Bachelard, 1980, p.20) e “Devant une flamme nous communiquons moralement avec le monde” (Bachelard, 1980, p.21).

Esse Homem que se procurou sobrepor a tudo, que encetou uma carreira tendencialmente solipsista enquanto espécie, e que mantém, ajunta-se o da carreira tendencialmente individualista que nos dias de hoje está em apogeu. Mas tornou-se numa personagem absurdamente fascinante, livre e paradoxalmente agrilhoadada, multiplamente desorientada.

Quando inicio a leção da disciplina de Filosofia, desde que regressei ao ensino regular em 2006/2007, uso sempre o texto de Carl Sagan, já acima referido e transcrito, que descreve a transformação na interpretação do mundo que acontece com Tales de Mileto: “Tales de Mileto procurou interpretar o mundo sem invocar a intervenção dos deuses” (Sagan, s/d, p.206). De igual modo, apresento um videograma do

mesmo autor e baseado no capítulo VII deste livro, **A espinha dorsal da noite**. Por norma, passo sempre o documentário da série Cosmos, com o mesmo nome.

A minha introdução à disciplina anda sempre à volta destas palavras: o mundo não existe, existem interpretações do mundo; uma galinha também interpreta o mundo mas essa interpretação é demasiado simples comparada com a que os seres humanos fazem e a eficácia da intervenção galinácea no decorrer dos factos do mundo é, também, incomparavelmente menor. Cito também, de memória, a célebre 11ª tese sobre Feuerbach de Marx e Engels, “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo.” Contestei-a no meu trabalho de Filosofia Social e Política, em 1982: os filósofos transformaram o mundo, a Filosofia transformou o mundo, radicalmente. Sem o aparecimento da Filosofia não estávamos neste lugar, o homem nunca tinha deflagrado uma bomba atómica, nunca tinha ido à Lua nem enviado sondas espaciais para a infinidade do espaço... cito Luciano de Crescenzo:

**“(…) pode deduzir-se que que, para a história do pensamento ocidental, a velha Grécia representou aquilo que para o Universo foi o Big Bang (...). Se a civilização grega não tivesse existido, teríamos acabado sob a influência das doutrinas orientais e então, meu caro Salvatore, acredita que as coisas teriam estado negras. (...) Ora, se não fossem duas batalhas, felizmente ganhas pelos nossos (a de Plateia contra os Persas, e a de Poitiers, contra os Muçulmanos) e se não fosse a forte oposição da racionalidade grega, herdada dos velhos filósofos pré-socráticos, nenhum d enós teria escapado à ofensiva asiática e talvez estivéssemos todos acorados, ao meio-dia, com a cara no chão e virados para Meca.”** (Crescenzo, 1988, pp.14-15)

Precisamente porque a Filosofia retirou os deuses e a aleatoriedade da vontade divina na regulação do mundo e da própria história da humanidade. O mundo passou a ter modos de funcionamento perfeitamente compreensíveis para o ser humano (Tales e os lagares). Bastar-lhe-ia estar atento, conduzir bem os processos de investigação do mundo. Para que pudesse agir e situar-se de forma eficaz, no mundo. Fez e faz tudo isso bem e mal... O que é o Bem? Esse é um julgamento ético, digo sempre, matéria do segundo período – matéria que estará sempre presente no desenvolvimento desta disciplina ao longo destes próximos dois anos. Ou seja, o tema fundante e condutor da minha leccionação é, desde o início, como não podia deixar de ser, como deve agir o homem? - o que é o Homem e o que é a realidade? Essa interpretação, segundo uma companhia como a Monsanto não é, de modo nenhum, a mesma que a do célebre monge budista Matthieu Ricard ou do primeiro-ministro butanês Jigme Thinley.

Desde há trinta anos para cá, quando iniciei a carreira, o mundo mudou radicalmente como é banal dizer-se. Mudou a Escola? Talvez não. Talvez sim: a escola, lugar faz-se de homens e os homens geram mudança, mudam. A escola espelha o mundo e o mundo de hoje, para um jovem, não é o mesmo mundo de há trinta anos: por exemplo, há trinta anos se um jovem queria jogar futebol juntava-se com amigos num campo, numa rua, com uma bola, se não existissem balizas faziam-se com pedras, roupa ou qualquer outra coisa, hoje joga futebol num computador ou numa máquina de jogos electrónica, sozinho, também acompanhado por alguém a seu lado ou a milhares de quilómetros de distância. O seu mundo é,

largamente, um mundo de realidade virtual e de instantaneidade. Um mundo de *resets* – embora na vida não se façam os *resets* da realidade virtual, o que acarreta angústia, adormecimento, alienação. O nosso tempo é, mais do que nunca, o do aqui e agora, um tempo em que o tempo acelerou e, paradoxalmente, pelo cultivo ditatorial do homem eternamente (durante a sua limitada vida) jovem, um tempo que não deve, como é natural, acontecer, decorrer. Ou seja, deve retirar-se ao homem a sua dimensão de finitude e temporalidade. Deve-se matar o Homem, o Homem não pode existir, apenas um ser ligado às máquinas de sobrevivência versão geringonças, *gadgets*, electrónicas.

O professor de há trinta anos escrevia com giz num quadro negro, projectava uns acetatos, buscava informação em suporte papel, livros, revistas, jornais... hoje?!... Também hoje o professor se encontra enredado neste mundo googlizado, diante de um público para quem as palavras, instrumento fundamental do seu trabalho, se encontram desvalorizadas, um público submergido por uma multitude de chamamentos muito mais apelativos do que a Escola. Neste mundo de vasta informação, os jovens sentem dificuldade de escolha (quais cães de Pavlov diante da tarefa de discriminação entre círculos e ovals muito semelhantes): como fazer? Como elaborar e executar percursos centrados no Homem, na sua responsabilidade única de estar no mundo, de ser alguém condenado à liberdade de se protagonizar e de cuidar do mundo?

As questões de início e subjacentes à educação, enquanto moldagem do homem para melhores desempenhos pessoais e sociais, são colocadas primeiramente pelos Sofistas e pelos filósofos que, embora partindo do mesmo pressuposto, a possibilidade de o Homem se construir, construir o seu destino, fizeram-no em acepções antilógicas. A concepção de que a alma humana pode ser modelada, e não fruto de um determinismo aleatório inoponível, emerge com a filosofia grega de cariz antropológico. Podemos situar o seu aparecimento na Antiga Grécia, por volta do século V a.C., com a célebre tríade Sofistas-Sócrates-Platão. É este último que, na sua obra **A República**, expõe em termos bem delimitados os diversos problemas da Cidade e o papel que a Educação deveria desempenhar na reorganização desta, na transformação desta. A parte inicial do Livro VII, traça esse célebre quadro dos prisioneiros no fundo da caverna presos a uma realidade irreal: arrancá-los às grilhetas será educá-los.

De um modo simples, a questão que se coloca é: como ensinar/aprender Filosofia hoje (colocou-se-me logo em 1984 e mesmo antes, quando me preparava para ser professor), introduzir adolescentes na intemporalidade, na profundidade, na dificuldade de pensar persistentemente, o que exige tempo, e que é individualmente pouco aprazível quando se tem em casa uma panóplia de diversões electrónicas e quando pensar criticamente é, em termos sociais, pouco valorizado?

Que jovens temos pois, público a quem nos dirigimos enquanto professores de Filosofia, a disciplina fundante e fundamental das humanidades tão desprezíveis no nosso tempo de mercadores?

#### 4. Os jovens do nosso tempo e o ensino da Filosofia

Tematizarei esta questão, a definição desse heterodoxo indivíduo de hoje, a partir de uma

triplicidade de figuras Narciso/Tirésias/Tântalo: Narciso contemplando a sua imagem/não imagem, Tirésias cego que se contempla/não contempla, Tântalo que alcança/não alcança as ramarias carregadas de frutos, as águas rente aos lábios, indivíduo assim instável, instabilizado, num mar alteroso de comunicação fragmentada – e a necessidade urgente de o reconduzir a si, pensando-se, pensando o outro, pensando sobre o mundo (sobre os seres do mundo), de o fazer apaixonar-se pela sua imagem íntima e irreflectível nas águas tranquilas da lagoa do frondoso bosque ou onde quer que seja.

Vivemos um tempo perturbado, de crise. Devemos ter paciência, sermos prudentes nas suas análises e prospecções. Num tempo em que o tempo cada vez mais escasseia, não nos podemos precipitar. E a primeira precipitação que me parece ser de evitar é a da exclusiva dissecação/interpretação do nosso tempo. Precipitados e irresponsáveis em suas teses, hipóteses e sínteses, são os jornalistas que têm de escrever editoriais pseudo-hermenêuticos, pseudo-filosóficos, para a edição do semanário, ou qualquer coisa semelhante. Quando se trata de pensar filosoficamente, o tempo tem que ser posto de lado (esta suprema contradição do nosso tempo: não levar demasiado em conta as pressões da escassez de tempo). O filósofo não tem que sentir o peso da época em que vive: a sua tarefa é intemporal – o professor de Filosofia tem que assumir esse desempenho. Ao tempo do vazio, da efemeridade dissecada nos anos 80 e 90 por Gilles Lipovetsky, junta-se, hoje, um tempo dominado pela realidade virtual. O aluno está permanentemente em comunicação (ou incomunicação, se entendermos que a comunicação humana, animal, se faz também por linguagem não verbal, um a série de expressões e micro-expressões nunca traduzíveis nos *emoticons* disponíveis) via dispositivos electrónicos, predominam hoje os *smartphones* (usados em aulas, no copianço, no envio do teste para a turma que fará a seguir... mas também serve para consulta de informação útil às tarefas escolares!). Todavia, está cada vez mais autístico: é comum ver-se grupos de jovens “reunidos” vergados à comunicação virtual, ao digitar frenético de mensagens, aos *phones* cravados nos ouvidos...

Temos, pois, tempo de comunicação/(incomunicação) global onde a função apelativa descentra e desequilibra o processo,

**“A falta de atenção dos alunos, de que todos os professores hoje se queixam, não é senão uma das formas desta nova consciência cool e desenvolta, ponto por ponto análoga à consciência telespectadora, captada por tudo e por nada, ao mesmo tempo excitada e indiferente, sobressaltada pelas informações, consciência opcional, disseminada, nos antípodas da consciência voluntária, 'intro-determinada'”. (Lipovetsky, s/d, p.54)**

Há toda uma série de mundos não-escola mais fascinantes, mas mundos indefinidos, líquidos, caóticos, em perpétua mudança (aliás o cerne da sua essência e da sua validade: se a inovação não for contínua e concomitantemente a efemeridade dominante, a função apelativa perde-se, o sistema colapsa).

O nosso tempo é ainda o tempo do *look*, da imagem totalitária que se impõe, que tudo coarcta. Belas imagens que dissipam a essência das coisas, dissuadem o pensar, que afastam do acto de visar o ser dos entes:

**“O pensar consoma a relação do ser com a essência do homem. Ele apenas a oferece ao ser, como aquilo que a ele próprio foi confiado pelo ser. Esta oferta consiste no facto de, no pensar, o ser ter acesso à linguagem. A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação.”** (Heidegger, 1980, p.37).

A imagem dissuade a palavra e a Filosofia é essencialmente palavra, o ensino/aprendizagem da Filosofia assenta na palavra. O aluno escuta e o professor também. O professor escreve e o aluno também (“La page blanche! Ce grand désert à traverser, jamais traversé.” (Bachelard, 1980, pp.108-109). Tudo exige pensar, antípoda das consciências telespectadoras de hoje. É uma situação de algum modo grave esta situação de submergência da racionalidade humana em nome de uma fragmentação arracional. Porque ela leva à degenerescência dos sujeitos e das comunidades em que estes se constituem/inserem, e à desagregação real dessas comunidades, mais do que nunca conjuntos de indivíduos solitários, solipsistas, smartphonistas, facebookianos. Os movimentos reivindicativos são largamente feitos em espaço de realidade virtual embora, reconheça-se, por vezes, traduzíveis em manifestações materiais. Mas é um Homem que perde a sua humanidade: viver-com-os-outros-no-mundo.

O homem vira-se para si, qual Narciso tardio, descaracterizado. O Narciso da velha lenda grega contada por Horácio na sua obra **Metamorfoses**, é ele mesmo um ser híbrido: Narciso/Tirésias/Tântalo: contempla e deseja a sua imagem e quando debruça para ela, para a tomar, reconhece que ela não passa de uma adorável e lamentável ficção, qual Tântalo em seu suplício de ter os frutos quase ao alcance da mão e ao procurá-los estes afastam-se, e as águas dessedentadoras rente à boca e ao curvar-se estas afastam-se. Narciso é o Homem: fundamental a dimensão narcísica no constituir da pessoa. O problema é que Narciso comete essa falta grave no mundo clássico, falta essa que inunda todas as narrativas trágicas dessa época: a *hybris*. A figura de Tântalo supliciado marca outra dimensão humana fundamental: a insatisfação. O caso de Tirésias pode ser visto ainda neste âmbito: ver a deusa Atena e Ninfas acompanhantes banhando-se nuas pode-se interpretar como *hybris* (por isso foi castigado, cego, embora a Deusa lhe concedesse o dom de adivinhar o futuro através dos sons do voo dos pássaros): um humano contemplar tal é excessivo. Mas também se pode interpretar como característico de outra dimensão humana fundamental: a fixação de uma imagem/desejo obsessivamente, persecutoriamente. O que acontece é que todas estas figuras são exemplos do excesso, do desmesuramento, da desarmonia, do desequilíbrio do ser humano, um animal que busca, de forma complexa, criando narrativas sobre si e sobre o mundo, um sentido para estar no mundo, alguém que busca a felicidade (conquanto as duas situações não sejam complementares). Elas têm ainda outras marcas comuns. Uma, e a que aqui nos interessa sobremaneira: a incapacidade de uma análise fria e apurada das situações, por outras palavras, a incapacidade de uso adequado do discernimento, do pensar - eis-nos pois no cerne do problema: pensar, exercitar a razão. A situação de Narciso, o drama de Narciso, coloca-se no mundo de hoje: a virtualidade da sua imagem e o reconhecimento disso, a tragédia do reconhecimento de uma situação que é nada; tal como a da Tântalo, os frutos estão sempre a afastar-se, como as águas, como a efemeridade dos objectos

contemporâneos que alienam o Homem, que alienam aflitivamente os jovens que todos os dias temos diante de nós numa sala de aula, ou numa comunicação electrónica sobre matérias lectivas.

É fundamental, pois, uma sociedade onde se privilegie o desenvolvimento racional e, nessa condição, mais do que nunca a Filosofia é necessária. De grande importância se revela o ensino/aprendizagem da Filosofia no ensino secundário,

**“O fim da vontade coincide com a era da indiferença pura, com o desaparecimento dos grandes fins e grandes iniciativas que merecem o sacrifício da vida: 'tudo imediatamente' e já não per aspera ad astra 'Expludam!'**, lemos por vezes num graffiti; não há que temer, o sistema encarrega-se disso, o Eu já foi pulverizado em tendências parciais de acordo com o mesmo processo de desagregação que fez explodir a socialidade num conglomerado de moléculas personalizadas.” (Lipovetsky, s/d, p.54)

É difícil um percurso filosófico, uma posição filosófica. Muito mais atraente pois ter um deus, deuses, mesmo disfarçado, disfarçados, qualquer que seja a forma, que nos acompanhe e guarde. Muito mais atraente a narcotização, narcização: Narciso, do grego *narkhê*, adormecimento, entorpecimento, a flor narciso que adormece, entorpece Perséfone e que o deus do Hades rapta em função desse seu estado anormal, (cfr. Homero, 1947, pp.127-147). O caminho do Filósofo é um caminho áspero, duro, pouco convidativo a ser trilhado. A proposição socrática para uma autêntica afirmação do Homem acabou mal: bebendo irrecusavelmente a taça de cicuta. Porque Sócrates propunha um pensamento que investigasse para lá da vulgaridade quotidiana, do que aparece e não é qualquer realidade sustentável mas apenas reflexo narcísico nas águas, intempestivo, instável, inconfortável. Nos dias de hoje, Sócrates não teria sido condenado a beber cicuta (nalguns lugares seria decapitado, é um facto), nem sequer, a não ser que tivesse alguma capacidade financeira, teria tido qualquer expressão pública de relevo. E nem teria a sua interrogatividade crítica (e intencionalmente fundamentadora de ser homem) alguma influência: não seria nunca acusado de corromper a juventude, de pregar deuses diferentes – quando muito, e em determinados contextos, se alcandorado aleatoriamente a estrela da música pop, teria tido, decerto, largos proventos e providenciado outros a outros. Em parte concordo com Sócrates: devemos escavar, expurgar, construir bases sólidas. Uma vida não examinada não faz sentido ser vivida, mas uma vida centrada no Homem que vive na Cidade também não o faz, assim como uma vida vivida num mundo não examinado. O Sócrates que diz a Fedro “(...) não vês que o meu desejo é aprender e que, sendo assim, o campo e as árvores nada me podem ensinar, ao contrário dos homens da Cidade?” (**Fedro**, 230d) marca o caminho para apogeu e a derrocada do Homem. A lição do chefe Seattle justificaria a condenação à morte de Sócrates. O Homem das arcadas socrático converteu-se no *homo technologicus* contemporâneo, homem virtual em mundo virtual conjunto de *terabytes* vertido sobretudo em *smartphones*, nestes dias de Julho e Agosto de dois mil e dezasseis, vergado, física e mentalmente à caça de *Pokemons*.

Temos um Homem, que se afastou de si numa vida complexificada pelas exigências supérfluas de uma sociedade alienada a mitos absurdos. Não olhou para si, nem, sobretudo, para o mundo fundamento primeiro da sua existência: “O homem enredou-se de tal forma na ambição, no ódio, na guerra, que perdeu

o sentido da vida – tão simples e tão larga” (Brandão, 2007, p.81), “Não teve tempo para olhar a montanha, o mar, o céu” (Brandão, 2007, p.81). O Homem de Sócrates não sabe disto: “Lavra o teu campo, e, nas horas perdidas, olha, prende-te à abóbada do céu, ao homem, à montanha, à árvore, ao mar” (Brandão, 2007, p.81). No Homem de Sócrates, permanece a nostalgia do absoluto, do eterno – que busca e pseudo-encontra em estrelas e música, de cinema, de homens que pontapeiam uma bola...

O Homem da *polis* grega que evoluiu, homem e *polis*, faliu. Mas a nostalgia do eterno manteve-se. Vergou-se e ruiu na materialidade nua. O mundo desvelado, tido apenas como *res extensa* cartesiana tornou-se num mundo vazio, frio, num mundo já todo descoberto, objectivado, sem fascínio, que já não encanta o homem. O homem habituou-se ao seu mundo, sempre o mesmo mundo, asséptico, estéril, nítido, definido, produto da razão esclarecedora que funcionou com eficácia, puramente objectivo, igual para todos, massificado, inautêntico.

Um lema que se deve ter em conta no acto de ensinar/aprender (lentamente, solidamente).

**“Mas a dureza e o cheiro da madeira do carvalho começavam entretanto claramente a falar da lentidão e constância com que a árvore cresce. O próprio carvalho dizia, que só um tal crescimento pode fundar o que perdura e frutifica; que crescer significa: abrir-se à amplitude do céu, mas também enraizar-se na escuridão da terra; que tudo o que é íntegro só floresce quando o homem é igualmente ambas as coisas: exposto à interpelação do céu sublime e recolhido no abrigo da terra materna.”** (Heidegger, 1987, p.5),

O ensino/aprendizagem filosófico exige ser fundamentalmente deste modo (o que o dificulta neste nosso tempo voraz, rápido, superficial).

Aprender a pensar: eis uma tarefa da aula de Filosofia. Heidegger:

**“Mas o apelo do caminho do campo apenas fala, na medida em que há homens (são aqueles) que, nascidos na sua atmosfera, o podem escutar. Eles são servos da sua proveniência, mas não escravos de estratégias. Debalde procura o homem, através dos seus planos, impor uma ordem à terra, se ele mesmo não está ordenado ao apelo do caminho do campo. Eminente é o perigo de que os de hoje fiquem insensíveis à sua linguagem, eles que, por já só ouvirem o ruído das máquinas, quase o tomam pela voz de Deus. Assim se torna o homem disperso e errante.”** (Heidegger, 1987, pp.6-7)

Vencer Narciso/Tirésias/Tântalo deslumbrado/pesquisando uma imagem/não-imagem sua/de outro junto de si/distante de si: lentamente, autonomamente, livremente, seguindo o apelo do caminho do campo. Despegar esse ser híbrido da sua contemplação/não-contemplação fazendo-o pensar, fazendo-o pensar-se autenticamente e fazendo-o pensar o Mundo, habitá-lo poeticamente (Holderlin). Reencontrar-se, reencontrar o Outro, reencontrar o Mundo, mediante o exercício atento e tranquilo da razão.

**Conclusão**

Com este trabalho, procurei narrar o meu percurso docente. Como é óbvio, foi difícil, uma vez que as memórias nem sempre se apresentam disponíveis, outras porque essas memórias carregam recordações, emoções... Depois, e embora ao longo do tempo de actividade eu tenha mantido as mesmas matrizes de desempenho, o tempo mudou, a História dos últimos trinta anos trouxe rupturas paradigmáticas, por exemplo, a falência da União Soviética e dos seus ideais, o fim de um mundo bipolar socialismo (comunismo) *versus* capitalismo. A uma História que parecia terminada, a proclamação do seu fim por alguns, reabre-se uma História onde Deus volta a ter um papel importante, embora trágico, talvez desvirtuado. Nos dias de hoje, enfrentamos um tempo novo, impensável há muito pouco tempo. É uma tarefa árdua enfrentá-lo, fazer com que outros, aqueles a quem formamos, o possam enfrentar melhor.

Foi algo penoso, devido a circunstâncias pessoais, a elaboração deste trabalho. Pensei, por diversas vezes, abandonar este projecto. Encorajado por alguns amigos e familiares, consegui não desistir.

Fica alguma insatisfação, a sensação de que poderia ter feito melhor. De que poderia ter feito melhor este trabalho, como poderia ter feito melhor a minha actividade como professor. Foi como foi, está. Falta o resto.

**“Não sei para onde ir agora. Os carreiros de antigamente desapareceram. Apenas vestígios incoerentes que levam a lugar nenhum.**

**A manhã escorre águas puras de sol e luar nesta terra longínqua, na minha aldeia, e ainda sou menino. Não sei se devo guardar os sonhos, não sei. Pelo menos, em nome de mim e dos outros, em nome da Pátria, penso que, talvez.”** José (1999, p.188)

Antigamente, faltavam cinco anos para a reforma. Agora, no mínimo, e em condições normais, treze. No fim, a vida útil e válida não será longa. Serão quarenta e cinco ou quarenta e seis anos de trabalho docente. Quando penso no tempo que falta, ocorre-me sempre a figura de Sísifo. Mas um Sísifo sempre cada vez mais cansado, desmotivado, um Sísifo que, espero, nunca deixe escorregar a pedra e que, muito menos, nessa possível derrocada, seja arrastado.

Neste caminho que falta percorrer preocupa-me a dignidade de estar e de exigir que os que me rodeiam, de igual modo, possam estar. Preocupa-me a preocupação que devo ter em manter e exigir humanidade num mundo cada vez mais desumano. Todos os dias me ocorre o ditame desse livro do **Talmude, A ética dos pais (Pirkei Avot)**, esforçar-me por ser homem em lugares onde não houver homens. Foi um lema muito presente entre os judeus encarcerados e massacrados nos campos de concentração nazis. Doe, a muitos, mais do que a morte, a impossibilidade de serem homens nesses espaços de mal absoluto. Muitos conseguiram sê-lo.

Espero permanecer até ao fim. Mas ocorre sempre a inquieta pergunta: serei capaz de permanecer até ao fim?

Espero que, tal como o Gato de Alice no País das Maravilhas, depois de eu ir, permaneça o meu sorriso... farei por isso!

**“”All right,” said the Cat; and this time it vanished quite slowly, beginning with the end of tail, and ending with the grin, which remained some time after the rest of it had gone.**

**“Well! I’ve often seen a cat without a grin,” thought Alice; “but a grin without a cat! It’s the most curious thing I ever saw in my life!”“ (Carrol, 1960, p.65)**

**Referências**

Bachelard, Gaston (1980). **La flamme d'une chandelle**. Paris: Presses Universitaires de France.

Brandão, Raul (s/da). **Humus**. Lisboa: Vega.

Brandão, Raul. (s/db). Memórias I. [Em linha] Disponível em [http://docs.paginas.sapo.pt/raulbrandao/Memorias\\_I.pdf](http://docs.paginas.sapo.pt/raulbrandao/Memorias_I.pdf), consultado em 12 de Junho de 2012.

Brandão, Raul (2012). **Humus**. 2.a edição na Typographia do Annuario do Brasil, (Almanak Laemmert) R. D. Manoel, 62 – Rio de Janeiro aos 5 de Janeiro de 1921. The Gutenberg Project. [Em linha] Disponível em <http://www.gutenberg.org/ebooks/39618>

Carrol, Lewis (1960). **Alice's adventures in wonderland & Through the looking-glass**. New York: The New American Library, Inc.

Crescenzo, Luciano de (1988). **História da Filosofia Grega Os Pré-Socráticos**. Lisboa. Editorial Presença.

Correia, Luís de Miranda (1997). **Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares**. Porto: Porto Editora.

Fullat, Octavi (1979). **Filosofias de la educacion**. Barcelona. Ediciones CEAC.

José, Manuel Marques (1999). **Pela Pátria esta missa de finados. Crónicas da Guerra de África**. Lisboa: Nova Arrancada.

Rolston III, Holmes (2010). **Three Big bangs**. New York: Columbia University Press.

Heidegger, Martin (1980). **Carta sobre o humanismo**. Lisboa: Guimarães Editores.

Heidegger, Martin (1987). **Der Feldweg (O caminho do campo)**, Braga: Revista Portuguesa de Filosofia, Janeiro-Junho 1987, tomo XLIII, fascs. 1-2

Homero (1947). **Poemetos e Fragmentos** (Tradução do grego, introdução e notas de Pe.M.Alves Correia). Lisboa: Sá da Costa.

Lipovetsky, Gilles (s/d). **A era do Vazio Ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Lisboa: Relógio d'Água.

Pessoa, Fernando (s/d). **Poemas de Alberto Caeiro**. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Platão (1980). **A república**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Platão (1981). **Fedro**. Lisboa: Guimarães & Cª Editores.

Sagan, Carl (s/d). **Cosmos**. Lisboa: Gradiva.

**APÊNDICES**

## **Apêndice I**

### **O canto e os deuses**

1.º prémio de texto

# O canto e os deuses (Memórias)

1. Antigamente tudo cantava e era uma alegria: cantava-se na sacha do milho e na resina, cantava-se na azeitona e o povo era alegre — agora anda tudo triste, a gente é má e invejosa, já ninguém canta, não se percebe porquê! — dizem aqueles que começam a ser velhos na minha aldeia. Cantavam os pastores de gado — recordo-me ainda da Ti Caritas, uma velha pastora que teimava em ficar num outro tempo, com o seu rebanho por entre os pinheiros e os cães!

2. Estamos perdidos, em nome de um progresso que se devia ter apagado em Hiroxima — nos tempos de Hiroxima, os bons velhos da minha aldeia iam ao Relveiro da Venda ler -O Livro de São Cipriano- para desencantarem ouros mouriscos e cavar, pela noite: nada de coisas de igreja, nada, recomendava-se! Memórias vivas de deuses antigos, da sagração do mundo, da Terra — depois andam por aí a falar de Rilke e Heidegger!

3. É pena que alguém queira tornar Portugal numa nação miserável, é pena — no fundo, Nietzsche tem razão, os fracos triunfam, há um cansaço horrível que nos tolhe, uma Nação não se engrandece com aviões e barcos de guerra, ou mísseis, mas desenvolvendo o que de mais nobre essa terra possui: os testemunhos multisseculares do povo, a cultura!

4. A gente anda triste, já ninguém canta! Cantava-se na sacha do milho e na azeitona, os pastores de gado, na resina — chão sagrado, povo santo: essa gente mesquinha e rancorosa que desvia o sentido da Vida e da Terra para os gabinetes de estudo, e governamentais! É pena que andemos perdidos, que isto tenha acabado, e mais agora que *Deus morreu* — um dia, Mishima suicidou-se porque o Japão estava perdido, e foi só em 1970!

5. As flores de Hiroxima assolarão o mundo em revoadas imemoriais, não é que isso me preocupe sobrejamente, mas neste entardecer frio de Novembro, os pinhais tornam a encher-se de resineiros para a raspa, trazem alguns restos de alegria, eu o sei, duramente, serenamente, apanham-se algumas oliveiras — outrora tudo cantava e era uma alegria, agora a gente é má e invejosa, triste, triste, diz-se, é pena, as crianças mudam de opinião por um punhado de amêndoas, aí este meu povo infantil!

**Manuel Marques José**

22 anos, licenciado em Filosofia, resineiro, Santiaís

## “O canto e os deuses (memórias)”

1. Antigamente tudo cantava e era uma alegria: cantava-se na sacha do milho e na resina, cantava-se na azeitona e o povo era alegre – agora anda tudo triste, a gente é má e invejosa, já ninguém canta, não se percebe porquê! - dizem aqueles que começam a ser velhos na minha aldeia. Cantavam os pastores de gado - recordo-me ainda da Ti' Caritas, uma velha pastora que teimava ficar em outro tempo, com o seu rebanho por entre os pinheiros e os cães!

2. Estamos perdidos, em nome de um progresso que se devia ter apagado em Hiroxima – nos tempos de Hiroxima, os bons velhos da minha aldeia iam ao Relveiro da Venda ler o “Livro de São Cipriano” para desencantarem ouros mouriscos e cavar, pela noite: nada de coisas de igreja, nada, recomendava-se! Memórias vivas de deuses antigos, da sagração do mundo, da Terra – depois andam por aí a falar de Rilke e Heidegger!
3. É pena que alguém queira tornar Portugal numa nação miserável, é pena – no fundo, Nietzsche tem razão, os fracos triunfam, há um cansaço horrível que nos tolhe, uma Nação não se engrandece com aviões e barcos de guerra, ou mísseis, mas desenvolvendo o que de mais nobre essa terra possui: os testemunhos multisseculares do povo, a cultura!
4. A gente anda triste, já ninguém canta! Cantava-se na sacha do milho e na azeitona, os pastores de gado, na resina – chão sagrado, povo santo: essa gente mesquinha que desvia o sentido da Vida e da Terra para gabinetes de estudo, e governamentais! É pena que andemos perdidos, que tudo isto tenha acabado, e mais agora que *Deus morreu* – um dia, Mishima suicidou-se porque o Japão estava perdido, e foi só em 1970!
5. As flores de Hiroxima assolarão o mundo em revoadas imemoriais, não é que isso me preocupe sobejamente, neste entardecer frio de Novembro, os pinhais tornam a encher-se de resineiros para a raspa, trazem alguns restos de alegria, eu o sei, duramente, serenamente, apanham-se algumas oliveiras – outrora tudo cantava e era uma alegria, agora a gente é má e invejosa, triste, triste, diz-se, é pena, as crianças mudam de opinião por um punhado de amêndoas, ai este meu povo infantil!

Manuel Marques José, 22 anos, licenciado em Filosofia, resineiro, Santiais”

## **Apêndice II**

### **Registo Biográfico**

Nº 601



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
REGISTO BIOGRÁFICO

I — IDENTIFICAÇÃO

|            |                     |              |                          |          |                         |
|------------|---------------------|--------------|--------------------------|----------|-------------------------|
| Nome       | MANUEL MARQUES JOSE |              |                          |          |                         |
| Filiação   | Manuel José         |              |                          |          |                         |
|            | Carminda Marques    |              |                          |          |                         |
| Nascimento | 22 / 01 / 1962      | Freguesia    | S. Sebastião da Pedreira | Concelho |                         |
| B. I. n.º  | 6081943             | 27 / 04 / 83 | 28 / 08 / 87             |          | N.º Fiscal<br>109331133 |

II — RESIDÊNCIA

| Morada                                            | Localidade      | Telefone  |
|---------------------------------------------------|-----------------|-----------|
| Santiais-S.Tiago de Litém                         | 3100 Pombal     |           |
| Rua Dr. José Alves Correia da Silva, 34 - 3º Esqº | - Cruz da Areia |           |
|                                                   | 2400 LEIRIA     | 044/27500 |
| Rua D. José Alves Correia da Silva, 44-2º Dtº.    | 2410 Leiria     |           |
|                                                   |                 |           |
|                                                   |                 |           |

III — HABILITAÇÕES

|               |                                                                                             |
|---------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|
| Acadêmicas    | Licenciatura em Filosofia, com 13 Valores em 04/07/1984                                     |
|               |                                                                                             |
|               |                                                                                             |
|               |                                                                                             |
| Profissionais | Prof. em exercício - concluído em 31/ 6/91 / D. R. n.º 280 de 5/12/91 / Classif. 13 valores |
|               | Concluiu a profissionalização no biénio 1989/91                                             |
|               |                                                                                             |
|               |                                                                                             |

IV — SEGURANÇA SOCIAL

| INSTITUIÇÕES PREVIDÊNCIA   | N.º Insc. | INSTITUIÇÕES PREVIDÊNCIA                 | N.º Insc. | Quota |
|----------------------------|-----------|------------------------------------------|-----------|-------|
| Caixa Geral Aposentações   | 970828    | Caixa Previdência M.E.                   |           |       |
| Montepio Servidores Estado | A970828   | Cofre Prev. dos Fun. e Agentes do Estado |           |       |
| A.D.S.E. SS6743629001GQ    | 674362    |                                          |           |       |
| Obra Social                |           |                                          |           |       |
|                            |           | Sindicato                                |           |       |
| Familiares (A.D.S.E.)      |           |                                          |           |       |
|                            |           |                                          |           |       |
|                            |           |                                          |           |       |

## V - ESTABELECIMENTOS DE ENSINO ONDE TEM PRESTADO SERVIÇO:

OBSERVAÇÕES: (a) Substituiu o professor JOSÉ OLIVEIRA FIGUEIRINHAS PINTO, ausente por motivo de doença. (b) Tempo de serviço contado até 30 de Setembro por ter sido abonado nos termos do D.L.354/74, de 14 de Agosto, do vencimento dos meses de Agosto e Setembro.

c) Contagem feita ao abrigo do D.L. nº 290/75

d.) Destacado na Equipa de Educação Especial de Porto de Mós.

e) 1997/98 Dest. na Eq. do Ensino Especial da EB-2/3 Marrazes.

f) Destacado na Eq. do Ensino Especial da E.B. 2/3 Marrazes.

48

## VI — DIUTURNIDADES E FASES

| DIUTURNIDADES <i>Exatão</i> |               |                             |         | FASES |               |              |                  |
|-----------------------------|---------------|-----------------------------|---------|-------|---------------|--------------|------------------|
| N.º                         | Data Electiv. | Disposição Legal            | Exatão  | N.º   | Data Electiv. | D. República | Conced. a partir |
| 6                           | 13.07.07      | Art. 8.º do Dec. Lei 409/89 | 11/1/98 | 1     |               |              |                  |
| 80                          | 07.12.04      |                             |         | 2     |               |              |                  |
| 3                           |               |                             |         | 3     |               |              |                  |
| 4                           |               |                             |         | 4     |               |              |                  |
| 5                           |               |                             |         |       |               |              |                  |

## VII — OUTRAS ACTIVIDADES ESCOLARES

| Cargo                   | Estabelecimento de Ensino                                                   | Nomeação               | Exoneração | Observações              |
|-------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|------------------------|------------|--------------------------|
| Delegado de Grupo       | Escola Secundária de Serpa                                                  |                        |            | Ano lectivo de 1984-1985 |
| Direct. Turma           | Esc. Sec. Fran. Rod. Lobo em Leiria                                         | Ano lectivo de 1988/89 |            |                          |
| Direct. Turma           | Escola Secundária Vendas Novas                                              | 1990/91                |            |                          |
| C. Dep. Apoio Educativo | Agrup. de Escolas de Marrazes - 2002/2003, 2003/2004, 2004/2005, 2005-2006. |                        |            |                          |
| Coord. Recorrente       | Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo                                  | 07/08;                 |            |                          |
| Diretor de Turma        | " " " " "                                                                   | 13/14; 14/15;          |            |                          |
|                         |                                                                             |                        |            |                          |
|                         |                                                                             |                        |            |                          |
|                         |                                                                             |                        |            |                          |

## VIII — SITUAÇÕES DIVERSAS

|  |
|--|
|  |
|  |
|  |
|  |

## IX — CESSAÇÃO DE FUNÇÕES

|                                  |             |
|----------------------------------|-------------|
| Limite de idade                  | Categoria   |
| Aposentação / / D. R.            | Est. Ensino |
| Exoneração ou Demissão / / D. R. | Falecimento |

## X — DISCIPLINA

|  |
|--|
|  |
|  |
|  |
|  |

## XI — OUTRAS INDICAÇÕES

|  |
|--|
|  |
|  |
|  |
|  |
|  |

## **Apêndice III**

### **Síntese do percurso profissional**

### Síntese do percurso profissional

| Ano lectivo | Escola                                      | Disciplina/s leccionada/s | Cargo/s desempenhado/s                   | Observações                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|-------------|---------------------------------------------|---------------------------|------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1984-85     | Secundária de Serpa                         | Filosofia                 | Delegado de grupo no Conselho Pedagógico | Colaboração no lançamento do jornal da escola                                                                                                                                                                                                                                            |
| 1985-86     | Secundária de Coruche                       | Filosofia                 |                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 1986-87     | Secundária de Peniche                       | Filosofia                 |                                          | Frequência de Direito Europeu na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (não concluído).                                                                                                                                                                                        |
| 1987-88     | Secundária do Cartaxo                       | Filosofia, Psicologia     |                                          | Publicação de artigos de filosofia na revista trimestral da escola                                                                                                                                                                                                                       |
| 1988-89     | Secundária Francisco Rodrigues Lobo, Leiria | Filosofia, Psicologia     | Director de Turma                        | Participação na Secção Cultural                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 1989-91     | Secundária de Vendas Novas                  | Filosofia, Psicologia     | Director de Turma                        | Profissionalização em serviço; organizei uma exposição sobre o Japão em que esteve presente o adido cultural que palestrou; fundei e dirigi uma pequena revista escolar de Filosofia (os lucros da venda foram utilizados na compra de livros da disciplina para a biblioteca da escola) |
| 1991-92     | Secundária do Cartaxo                       | Filosofia, Psicologia     |                                          | Em Outubro, fui destacado para a Equipa de Educação especial de Porto de Mós.                                                                                                                                                                                                            |

|           |                                                                                                                                                           |                                                      |                                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-----------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1992-97   | Secundária do Cartaxo, destacado na Equipa de Educação Especial de Porto de Mós                                                                           | Apoio a alunos com Necessidades Educativas Especiais |                                                                  | Diversas acções de formação na área da Educação Especial; formação em leitura e escrita de Braille e preparação de materiais para deficientes visuais; em 1992-1994, Diploma Universitário de Especialização em Ciências da Educação, variante de Educação Especial, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa |
| 1997-98   | Secundária Acácio Calazans Duarte, Marinha Grande, destacado na Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Marrazes, na Educação Especial                        | Apoio a alunos com Necessidades Educativas Especiais |                                                                  | Diversas acções de formação na área da Educação Especial                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 1998-2006 | Secundária Domingos Sequeira, Leiria, e Francisco Rodrigues Lobo, Leiria, destacado na Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Marrazes, na Educação Especial | Apoio a alunos com Necessidades Educativas Especiais | Delegado de grupo no Conselho Pedagógico (2002-2003 a 2005-2006) | Diversas acções de formação na área da Educação Especial, coordenador do Departamento de Serviços Especializados de Apoio Educativo do Agrupamento de Escolas de Marrazes entre 2002-03 e 2005-                                                                                                                                                     |

|           |                                                   |                                                                                                                                                                              |                                                                                                                    |                                                                                                                          |
|-----------|---------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|           |                                                   |                                                                                                                                                                              |                                                                                                                    | 06.                                                                                                                      |
| 2006-07   | Secundária<br>Francisco Rodrigues<br>Lobo, Leiria | Filosofia 10º;<br>Filosofia 10º, 11º<br>(Ensino<br>Recorrente);<br>Psicologia B 12º<br>(Ensino<br>Recorrente)                                                                |                                                                                                                    | Leccionação em<br>ambiente prisional;<br>Filosofia e Psicologia<br>leccionadas do modo<br>de Unidades<br>Capitalizáveis. |
| 2007-08   | Secundária<br>Francisco Rodrigues<br>Lobo, Leiria | Filosofia,<br>Psicologia                                                                                                                                                     | Coordenador de<br>Ensino Recorrente no<br>Estabelecimento<br>Prisional Regional de<br>Leiria                       | Leccionação em<br>ambiente prisional;<br>Filosofia e Psicologia<br>leccionadas do modo<br>de Ensino Recorrente.          |
| 2008-09   | Secundária<br>Francisco Rodrigues<br>Lobo, Leiria | Psicologia B 12º,<br>Sociologia 12º e<br>Comunicação,<br>Língua e Cultura<br>(cursos EFA)                                                                                    |                                                                                                                    | Leccionação em<br>ambiente prisional                                                                                     |
| 2009-10   | Secundária<br>Francisco Rodrigues<br>Lobo, Leiria | Filosofia,<br>Comunicação,<br>Língua e Cultura<br>(cursos EFA) e<br>Psicologia e<br>Sociologia 11º<br>(Curso<br>Profissional de<br>Museografia e<br>Gestão do<br>Património) |                                                                                                                    |                                                                                                                          |
| 2010-11   | Secundária<br>Francisco Rodrigues<br>Lobo, Leiria | Filosofia e<br>Cidadania e<br>Profissionalidade<br>(EFA)                                                                                                                     | Coordenador de<br>Ensino Recorrente no<br>Estabelecimento<br>Prisional Regional de<br>Leiria; Director de<br>turma | Leccionação em<br>ambiente prisional                                                                                     |
| 2011-2012 | Secundária<br>Francisco Rodrigues                 | Filosofia e<br>Comunicação,                                                                                                                                                  |                                                                                                                    | Leccionação em<br>ambiente prisional                                                                                     |

|           |                                                   |                                                                                                               |                                                                             |                                      |
|-----------|---------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|
|           | Lobo, Leiria                                      | Língua e Cultura<br>(cursos EFA)                                                                              |                                                                             |                                      |
| 2012-2013 | Secundária<br>Francisco Rodrigues<br>Lobo, Leiria |                                                                                                               |                                                                             | Leccionação em<br>ambiente prisional |
| 2013-2014 | Secundária<br>Francisco Rodrigues<br>Lobo, Leiria |                                                                                                               |                                                                             | Leccionação em<br>ambiente prisional |
| 2014-2015 | Secundária<br>Francisco Rodrigues<br>Lobo, Leiria | Filosofia 10º;<br>Filosofia 10º, 11º<br>(Ensino<br>Recorrente);<br>Psicologia B 12º<br>(Ensino<br>Recorrente) | Coordenador de nível<br>(10º ano); mediador<br>EFA B3; Director de<br>turma | Leccionação em<br>ambiente prisional |
| 2015-2016 | Secundária<br>Francisco Rodrigues<br>Lobo, Leiria |                                                                                                               | Coordenador de nível<br>(11º ano); mediador<br>EFA B3; Director de<br>turma | Leccionação em<br>ambiente prisional |

## **Apêndice IV**

### **Algumas considerações sobre o Homem e a Natureza**

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O HOMEM E A NATUREZA

(Este texto foi escrito em 1984.)

1.

No começo do diálogo platônico FEDRO, Sócrates encontra-se com Fedro que vem de casa de Lísias, mestre de retórica. Vai passear *“por caminhos longos, porque são mais salutareis que os passeios debaixo das arcadas.”* (FEDRO, 227a-b) Então Fedro convida Sócrates a segui-lo até ao campo, pois é sua intenção falar-lhe de Lísias, da sua eloquência e saber. Diz Fedro que os ensinamentos desse dia haviam versado o Amor e que Lísias havia recorrido sobre as suas relações com jovens amantes e belos (FEDRO, 227c). Entretanto, vão seguindo para longe das portas da Cidade, nas margens do rio Ilisso.

Platão traça então a paisagem até ao mínimo detalhe, ao que não falta um brilho fresco e perfumes, o som e a agitação de uma suave brisa... Estalam cânticos de cigarras e o agradável escorrer do rio. Fedro pergunta: *“Diz-me, Sócrates, não é verdade que foi aqui, nas margens do Ilisso que Bóreas raptou Orítia? Ou foi na colina de Ares?”* (FEDRO, 229b-d). É que as águas se apresentavam claras e as margens, cobertas de verde relva, convidativas às brincadeiras das jovens... Fedro pergunta ainda se Sócrates acredita nessa lenda, mas este responde que lhe dá uma outra interpretação *“(...) afirmaria que ela que ela tinha sido arremessada dos rochedos mais próximos por um vento boreal, enquanto brincava com Farmácia, e que das próprias circunstâncias da sua morte nasceu a lenda do seu rapto por Bóreas.”* (FEDRO, 229c) Seguidamente Sócrates fala da necessidade de desvendar a natureza verdadeira de cada elemento lendário, de cada figura mais ou menos extravagante, o que se tornaria deveras fatigante e ridículo - a sua tarefa é outra, muito mais importante, não se compadece com tais exercícios ociosos, o que ele pretende é *“conforme recomenda a inscrição délfica, conhecer-me a mim mesmo; por isso vejo quanto ridículo seria eu, que não tenho conhecimento de mim mesmo, se me dedicasse a estudar coisas que me são estranhas.”* (FEDRO, 229e-230a)

As lendas, diz Sócrates, segue-as segundo a tradição. E sentam-se sob um plátano. Sócrates contempla a natureza, a árvore em toda a sua beleza, em todas as suas particularidades: a floração e o aroma, e a frescura da água escorrendo. Fedro elogia-o e pergunta-lhe porque é que ele nunca sai da Cidade para o campo, ao que Sócrates responde: *“(...) não vês que o meu desejo é aprender e que, sendo assim, o campo e as árvores nada me podem ensinar, ao contrário dos homens da Cidade?”* (FEDRO, 230d) Ele só seguira Fedro porque este era portador de um discurso, e somente pelo discurso Sócrates saíra da Cidade...

2.

A Alegoria da Caverna de Platão inicia-se pela seguinte descrição: numa caverna, homens aprisionados têm nas suas costas objectos cujas sombras se esbatem diante deles, sombras essas proporcionadas por um fogo no extremo oposto (A REPÚBLICA, 514a-c). Estes indivíduos são os Homens, são indivíduos *“semelhantes a nós”*, como refere Sócrates, protagonista central de todos os diálogos platónicos.

O que se propõe é que um deles se volte e contemple o fogo e os objectos reais. Depois, que se desloque

para fora da Caverna e contemple a luz do Sol (A REPUBLICA, 515e-516a).

Quando o Homem Solto se vira para o Fogo Iluminador sente-se incomodado, a luz é-lhe dolorosa.

Se examinarmos a natureza do fogo, podemos constatar que Platão mente: o fogo agita-se, é inconstante, cresce e torna-se fraco, crepita, lança fumo, emite calor. Platão esquece e fala do Fogo como algo imóvel - “(...) *não te parece que eles julgariam estar a nomear objectos reais, quando designavam o que viam?*” (A REPUBLICA, 515b) - ora as sombras não seriam nunca elementos bem determinados, rígidos, mas móveis, líquidos, multiformes.

Mas eis que, então, o Homem Solto é arrastado para fora da Caverna - por quem, por quê? - e enfrenta a luz do Sol. A princípio fica cego (A REPUBLICA, 515e-516a). É necessário pois que se habitue progressivamente à Luz, Saber do Sol, enfim, “(...) *que é ele a causa das estações e dos anos, e que tudo dirige no mundo visível* (...)” (A REPUBLICA, 516b-c). Poderia então relembrar os seus tempos de cativo e se descesse ao Mundo das Sombras da Caverna, os seus parceiros rir-se-iam dele se lhes contasse das suas aventuras, talvez até o matassem (referência ao caso Sócrates?)... O Sol atrairá cada vez mais o Homem Solto, o homem que sobe da Caverna, das trevas, da incerteza da fogueira iluminadora - o Sol é o Bem e o Belo (A REPUBLICA, 517b-c)!

O que Platão traça de seguida é a possibilidade da aprendizagem da contemplação que é manifestada após essa penosa ascensão, aprendizagem essa que pode ser ministrada por alguém, em etapas e não em doses maciças como o faziam os Sofistas (embora Platão aqui não o declare expressamente) - trata-se de educar o Homem na contemplação do Ser, da sua “*parte mais brilhante*” (A REPUBLICA, 518c). O Educador é o Homem Solto, neste caso, o Filósofo!

Trata-se, enfim, da consumação de uma necessidade política, se quisermos, de poder erigir leis sólidas, universais, aliás, acabamento do Projecto Epistemológico platónico - a Luz do Sol como fundamento “(...) *o Sol proporciona às coisas visíveis, não só, segundo julgo, a faculdade de serem vistas, mas também a sua génese e alimentação, sem que seja ele mesmo a génese.*” (A REPUBLICA, 519b) De seguida diz que os objectos do conhecimento só são possíveis de conhecer pelo Sol (Luz) e pelo Bem - e que ambos estão para lá deles!

3.

Fracasso do Sócrates do diálogo Fedro? - O Homem acabou por se virar para os objectos exteriores a si! - Talvez... Mas, para nós, admitamos que assim foi. Aliás a História confirma-o: só com Descartes o Sujeito se assumirá como Fulcro, será determinado claramente.

4.

Filho de uma Ninfa e de Céfiso (um curso de água) (Ovídio, Metamorfoses, III, 341-2), Narciso contemplará as águas tranquilas e a sua imagem nelas reflectida (idem, ibidem, 415-7) - atraído a uma armadilha em castigo do seu egoísmo, do seu fechamento em torno de si (de uma atitude de má-fé, no

sentido sartriano), do seu bloqueamento ético: nas coisas ele vê-se, mas, infelizmente nas águas! O seu delírio lacrimoso perturba a imagem, fá-la desaparecer - morreria se se conhecesse, afirmara Tirésias (idem, ibidem, 347-9), Narciso mata-se quando a sua imagem lhe foge (idem, ibidem, 480-3) - triunfo das Ninfas, de Narciso restará uma flor (idem, ibidem, 505-11).

5.

Resta então procurar estabelecer a Imagem Humana no mundo, escolher materiais rígidos onde a gravar, estabelecer as condições de uma contemplação segura e definitiva - ascensão para a Luz, construção de um mundo onde os objectos se afirmem universais, perfeitos, imutáveis - só então o Homem se poderá conhecer a si mesmo, contemplar, sem prejuízo desta se diluir, a sua imagem, construir habitações - só então o Homem se poderá conhecer a si mesmo, realizar a proposta de Sócrates!

Afinal Sócrates falhara na sua proposição de deixar o rio e as árvores, as pedras e a Luz do Sol, o vento: só as lendas determinavam intrinsecamente estes elementos, fundamentavam-nos - Sócrates falhara na sua proposta de se virar sobre si mesmo para se conhecer - Narciso prova-o e acrescenta a qualidade necessária nos materiais para uma futura incursão no mundo na fixação da sua imagem! - O Homem é ser-no-mundo primordialmente, possibilidade, possibilidade sempre, e terá que gravar no mundo a sua imagem, manifestar-se nele, gravar a fogo a sua imagem nas rochas imutáveis, para se conhecer a si mesmo, para, enfim, Ser Homem. Primeiro construindo a Metafísica, depois aplicando-a às matérias, quando achou insuficiente a primeira atitude, instaurou a Técnica Moderna - e isto é o Nosso Tempo! O Homem sairá da Caverna para a Luz - o Sol, o Bem, Deus, ego (Auschwitz e Hiroshima)!) - Luz Eléctrica também... O Homem fará da Terra material onde esculpir a Sua Imagem, onde a possa contemplar sem receio que lhe fuja - é isso que tem vindo a fazer! - E também muitas palavras...

6.

Mas eis que no fim de uma tarde de Verão, um homem regressa à Serra, à sua casa de infância, para morrer (Vergílio Ferreira, Ferreira, Vergílio. **Para Sempre**. Livraria Bertand, Lisboa, 1983.) - bibliotecário reformado, guardião de livros, de saber morto (idem, ibidem, p.97). A Serra, elemento presente em toda a obra de V. Ferreira, arde em fogo, o Sol despenha-se sobre a sua cabeça, e tudo foi em vão, palavras, palavras surdas sobretudo - um homem está para morrer no auge da Luz e do Calor, do Sol - concreto.

Quer então aprender o silêncio e escutar o cântico do cavador vindo da montanha que se estende até aos confins do horizonte. Só um apelo recorda, obstinadamente, serenamente, Sandra, sua mulher, a quem dirigiu a única palavra que teve sentido: "*Amo-te!*" (idem, ibidem, p.221)

Afinal, Narciso quer Eco, verificou quanto foi louco, arrependido agora - tardiamente? - não já nos aprazíveis lugares da floresta mas na Serra estonteada de luz e calor.

Só um cântico de alguém que cava e fecunda a Terra, nela instaurando o milagre da criação (onde o Homem se equivale a Deus), tem valor - "*a divindade do Homem*" (idem, ibidem, p.14) - afinal Narciso,

silencioso e aturdido agora, não devia ter contemplado a água somente, mas mergulhado os lábios e sorvido a água, não devia ter ficado quieto na contemplação da imagem, sedento, irracionalmente sedento. - falseou o jogo, Platão e Sócrates e Parménides também, falasaram tudo: quiseram um material onde gravar a imagem do Homem (Macho) - já depois de Narciso ter recusado Eco e as outras Ninfas - a imagem diluiu-se, Narciso não volta e clama pelas Ninfas, mas quer a todo o custo gravar a sua imagem na pedra, a fogo! - O que Ovídio conta é mentira, Narciso não morreu, embora o devesse! Tirésias não pôde contar com o falseamento do jogo: o corpo líquido das Ninfas e das águas foram substituídos por Falos Gigantescos, Machos que contemplam o seu sexo, a força do seu braço direito, armado de espada e moca, ou de poderosas armas sofisticadas - ou do seu crâneo estalagmítico!

O Homem quer contemplar a Sua Face na Terra - quer a Terra à Sua Imagem e Semelhança! É um projecto louco, reconheçamos - uma Terra onde um Ser Morto e sem face quer gravar a sua face inexistente - paradoxo dos paradoxos!

7.

O projecto platónico da saída da Caverna para a Luz, para a delimitação dos objectos rodeados de Luz, clarificados, a preparação para esta realização triunfou. A constituição de um Mundo Supra-Sensível imutável segue-se da impossibilidade de se erigirem estátuas "humanas" com as matérias corruptíveis do mundo - era necessário criar algo verdadeiramente imutável!

O Livro VII de A REPUBLICA de Platão não só postula esse mundo-verdade, mas institui a possibilidade de todos ascenderem a Ele: a Cidade Ideal deverá ter isso bem presente e o Filósofo prová-lo-á, esse que primeiro saiu da Caverna!

Mas hoje - e Descartes abriu caminho para isso com Galileu - a Metafísica tornou-se numa Metafísica aplicada: a Técnica - todas as Ninfas, como Eco, se se fizeram pedra!

Rodeado de Luz - Luz! - o Homem foi de terra em terra desvendando tudo, transformando tudo por ordem e directriz do Filósofo: a Filosofia sempre transformou o Mundo e a 11ª Tese sobre Feuerbach de Marx é uma enorme mentira!

8.

Sem Noite, sem Sombra, sem Morte -

*“E assim eu me reprimo e engulo o chamamento de um soluçar escuro.”*

*Ai! de quem poderíamos nós então valer-nos?//*

*Nem de anjos, nem de homens, e os bichos perspicazes reparam//*

*Já que nós não estamos confiados em casa neste mundo explicado.”*

(AS ELEGÍAS DE DUÍNO, 1ª, Rainer-Maria Rilke)

Manuel Marques José

## BIBLIOGRAFIA

Ferreira, Vergílio. **Para Sempre**. Livraria Bertrand, Lisboa, 1983.

Ovide. **Les Metamorphoses**. Société d'Éditions "LesBellesLettres", Paris, 1961, Vol. I

Platão. **Fedro**. Guimarães e Cº Editores, Lisboa, 1981.

Platão. **A República**. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 1980.

## **Apêndice V**

### **Relatório de avaliação de aluno com Necessidades Educativas Especiais**

## RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DO ALUNO

***Darlindo Filipe Monteiro Gil***

**Elaborado por**

***Manuel Marques José***

**Nome:** Darlindo Filipe Monteiro Gil

**Data de Nascimento:** 14 de Abril de 1978

**Idade:** 15 anos e 2 meses

**Residência:** Alpedriz, Alcobaça

**Escola:** Frequenta *informalmente* o Instituto Educativo do Juncal (IEJ). Tem mesmo um horário lectivo e faz questão em cumpri-lo. Vai às aulas, onde a sua participação é solicitada de vez em quando. Essa participação é mais relevante na disciplina de Educação Visual e Tecnológica. Neste estabelecimento de ensino, também presta pequenos auxílios em tarefas de limpeza, de pequenas reparações, e outras.

**Nível de Escolaridade Obtido:** 1º Ciclo do Ensino Básico

## Razão do Referimento

O Darlindo (D.) pretende matricular-se no próximo ano lectivo no IEJ, situado na vila do Juncal, concelho de Porto de Mós, distrito de Leiria. Os amigos e antigos colegas de escola disseram que ele tinha manifestado grandes défices na aprendizagem durante a frequência do 1º Ciclo. O D. esclareceu que *lhe* tinha sido *dado o diploma da 4ª classe*.

(Os professores da Escola Primária de Alpedriz afirmaram que seria de toda a utilidade para ele fazer a frequência do 2º Ciclo. Acrescentaram que isso valorizaria bastante o D.. A comunidade de Alpedriz gostaria de vê-lo de posse de alguma formação académica e profissional que o elevasse socialmente. Aliás, desde que anda no IEJ têm-se notado melhorias nos desempenhos sociais do D. - é mais comunicativo, toma a iniciativa nesse aspecto, e em termos de dicção tem melhorado.)

## O percurso da avaliação

Foi feita em quatro momentos: nos dias 13, 20 e 27 de Maio, 3 de Junho. Falámos ainda pontualmente com um dos professores da disciplina de Educação Visual e Tecnológica do IEJ a cujas aulas o D. costuma ir, Luís Bugalho. Gastámos cerca de 8 horas a recolher informação, incluindo os testes informais que o D. realizou.

Começámos por nos deslocar a casa do D., dia 13 de Maio, para uma entrevista à mãe. É uma pessoa de poucas palavras, se se fizerem perguntas de resposta aberta não responde, quando de fazem de um modo directo responde com monossílabos ou dissílabos, *sim, não, não sei, talvez, é capaz*, manifesta deficiências na dicção, de um modo geral é difícil conseguir muita informação, uma vez que se teriam que colocar questões provavelmente constrangedoras. O marido estava em casa mas não apareceu.

No dia 20 de Maio foram entrevistados os professores do 1º ciclo de escolaridade do D. e verificado superficialmente o dossier contendo os trabalhos escolares deste desde 1989. A professora Maria do Céu, que reside em Alpedriz há bastantes anos, foi extremamente simpática e deu-nos imensa informação, quer sobre as prestações escolares, quer sociais do aluno, quer ainda sobre a família e a sua inserção na comunidade. O professor Guerra informou sobre as prestações do D. na 3ª e 4ª classes. Disse que haviam sido efectivamente muito negativos e, pese isso, uma vez que o aluno estava no limite de idade para a frequência escolar do 1º ciclo, *deram-lhe o diploma para que ele não fosse lançado na vida sem nada*. Disponibilizou-se a encaminhar-nos na consulta ao dossier do D., o que fizemos no dia 27.

Nesse mesmo dia fez-se uma primeira avaliação, bastante sumária, ao D., em termos de realização escolar actual. Serviu para recolher elementos preparatórios para um segundo momento mais sistemático que aconteceu no dia 3 de Junho.

Fez-se uma avaliação aos aspectos indicados como mais deficitários: linguagem, aritmética e socialização.

O D. manifestou timidez e nervosismo, o que deve ter influenciado negativamente alguns aspectos da avaliação que não nos parecem de importância de maior. Participou empenhadamente e demonstrou

confiança em que existem pessoas que podem ajudá-lo.

### **Agregado Familiar**

Pai (49)

Mãe (49)

2 irmãos (com 27 e 20 anos)

### **História compreensiva (familiar, clínico-desenvolvimental, educacional)**

O pai do D. é reformado. A mãe, trabalhadora rural (de momento não trabalha). O irmão mais velho trabalha na construção civil, em parte desconhecida pela família, o outro numa fábrica de móveis, “Os Lusíadas”, em Pisões, perto de Alpedriz.

São uma família pobre. Nunca tiveram trabalho constante, e o pai teve um AVC há 7 anos. Tem uma pequena pensão.

A mãe refere-se a esta situação de saúde como se tivesse acontecido muito recentemente e como se o marido tivesse ficado bastante afectado o que não é o caso. Aliás diz que quando este recuperar então retomará o trabalho.

Vivem marginalizados em relação à comunidade (por vontade própria). No entanto, o meio humano envolvente tem para com eles, de um modo geral, uma atitude positiva: há anos, quando o pai do D. teve o AVC foi feito um peditório na localidade para os auxiliar. Ainda hoje as pessoas continuam a dar-lhes roupa. Reconhecem estas atitudes comunitárias agradecendo. A professora Maria do Céu que tem um filho da idade do D. costuma enviar-lhe roupa e os pais agradecem mandando em troca uma couve ou qualquer outro produto da pequena horta que cultivam. O D. anda vestido com roupa dada. (Ultimamente também tem contribuído bastante a esposa do Director do IEJ.)

Tanto o pai como a mãe sabem escrever. A letra demonstra hesitação de traço e é tipicamente desenhada. Não completaram qualquer grau de escolaridade, embora tivessem frequentado a escola.

Os dois irmãos tiveram percursos diferentes no cumprimento da escolaridade de quatro anos. O de 27 anos teve um percurso normal, obteve o diploma sem problemas. Quanto ao de 20, a situação foi completamente diferente. Não aprendia, demonstrava problemas de comportamento, obteve o diploma uma vez que se encontrava no limite de idade para a frequência, embora as prestações fossem insuficientes.

(O percurso escolar do D. foi idêntico ao deste último irmão, embora não manifestasse problemas de comportamento acentuados e perturbadores como aquele.)

Sob o ponto de vista clínico-desenvolvimental não há nada de especial a referir, cumpriu os padrões que se podem chamar *normais*.

O D. frequentou sempre a Escola Primária de Alpedriz, e teve como a professora Maria do Céu durante a 1ª fase; e o professor António Guerra durante a 2ª. Foi retido 4 anos, ou seja, levou o dobro do tempo normal para concluir o 1º ciclo; cujo diploma lhe foi *dado*.

Nunca manifestou problemas de comportamento, exceptuando-se alguma retracção em participar

em festas da escola por não poder oferecer nada de material para esses acontecimentos. O mesmo se passa no IEJ: um destes dias a esposa do Director perguntou-lhe se ele não ia à aula. Respondeu que não, que era o Centenário. E não ia porque não podia levar nada para a festa. A senhora deu-lhe então em punhado de rebuçados e ele foi. Também por vezes tem comportamentos que demonstram algum ressentimento: um dia um professor mandou-lhe preencher uma ficha de identificação mais um pequeno inquérito, e ele julgou que estavam a gozá-lo. Reagiu dizendo que não voltava àquela aula. Depois foi esclarecido de que se tratava de um acto comum e tornou a ir.

Não frequentou jardim de infância.

Quando entrou para esta escola, ainda o seu irmão que tem agora 20 anos a frequentava.

(Provavelmente as expectativas iniciais tidas para com o D. foram influenciados pelas más prestações do irmão.)

Não teve qualquer apoio de serviços de educação especial: a professora Maria do Céu referiu que tal não teria qualquer utilidade. Tanto esta professora como o docente que o teve a seu cargo na 3ª e 4ª classes manifestaram expectativas negativas àcerca do D.. Têm-no como *atrasado mental*. Reconhecem-lhe contudo bastante engenhosidade manual e ideias relacionadas com artefactos neste campo

Gastou 8 anos para concluir o 1º Ciclo do Ensina Básico, *sem aproveitamento efectivo*.

Trabalhou numa fábrica de móveis (“Os Lusíadas”, em Pisões, onde trabalha o irmão, e aí dispensavam-lhe um tratamento frustrador; o irmão, em vez de o ajudar, reforçava estes comportamentos) logo após a saída da escola, até Março de 1993, altura em que foi despedido, e, durante a Páscoa, para a Junta de Freguesia.

No dia 11 de Março deste ano, deslocou-se ao IEJ para “conhecer a escola”, visitar os amigos e pedir emprego. A esposa do Director, que desempenha funções de assistente social e encónoma, acabou por aceder a deixá-lo entrar, por solicitação dos amigos do D. que também lhe explicaram a situação social deste. A senhora disse-lhe que ele poderia vir à escola como os outros, teria alimentação gratuita, iria às aulas, e, se quisesse, prestaria alguma ajuda aos funcionários, se necessário.

Está consciente que tem grandes dificuldades em aprender. As suas expectativas são díspares: por um lado sente-se incapaz de progredir nas aprendizagens, por outro mantém sonhos de *fazer livros de história sobre a sua terra, com mapas e tudo*, e quer ser profissional de rádio, inclusivamente fazer uma estação de rádio com os amigos em Alpedriz.

Tem iniciativa e procura realizar os seus sonhos: já se deslocou à Rádio Cister em Alcobaça para perguntar se poderia aí fazer programas.

Com a sua integração no IEJ pretendeu-se sobretudo desenvolver as prestações comunicacionais do D., bem assim como melhorar as suas relações sociais.

Uma avaliação superficial revela que já houve ganhos em ambas as áreas. O D. já consegue falar melhor (em termos de uso de vocabulário e dicção), desenvolveu um relacionamento mais fácil com os funcionários do IEJ (com quem mais contacta) e fez amizades com alunos. Inclusivamente foi a uma viagem de estudo ao Jardim Zoológico, Lisboa (a esposa do Director do IEJ forneceu-lhe o farnel), e já dizia alto, no

autocarro, para porem música.

### Avaliação Ecológica

A família do D. é desfavorecida em diversos aspectos que já citámos. A comunicação linguística existente entre os seus membros é reduzida. Os défices vocabulares e articulatórios são graves. Deste modo, o D. cresceu e vive num meio extremamente adverso em termos de aquisição e estimulação das habilidades relacionadas com a linguagem. As expectativas académicas geradas para com os filhos são de indiferença, embora, neste momento, a mãe confesse que gostaria que o filho estudasse, mas... não acredita que consiga qualquer resultado positivo.

Não têm qualquer espécie de vícios.

Em termos afectivos, de realçar que o irmão de 20 anos *faz a vida negra* ao D., na expressão da professora Maria do Céu. Inquirido subrepticiamente sobre se tinha alguns problemas com este irmão, o D. disse que não. A relação com o outro é praticamente inexistente uma vez que se encontra fora de casa. Parece que despreza o modo de vida familiar e marginalizou-se. Com os pais o entendimento não revela problemas.

Em suma, os diversos tipos de relacionamento intrafamiliares são pobres e, nalguns aspectos conflituosos.

As trocas familiares com a comunidade são bastante deficitárias. Um exemplo: com um familiar (tio do D.), porta com porta, *não se dão*. Contudo, as atitudes das pessoas não são hostis. Têm para com eles um carinho especial, e mais especial ainda para com o D. (O que não acontece em relação ao irmão.) Gostariam que conseguisse um lugar normal na sociedade. Acarinham o projecto do D. em frequentar o IEJ. Reconhecem nele uma pessoa esforçada, prestável, mas rodeado de adversidades para singrar. Gostariam que aprendesse uma profissão que lhe permitisse ter uma vida melhor. Todavia, não conseguem transmitir ao D. as melhores expectativas - em suma, não acreditam que ele consiga devido às inaptidões intelectuais que lhe atribuem.

A experiência de trabalho na fábrica de móveis foi frustrante. Davam-lhe tarefas sem importância, frustrantes. Despediram-no sem qualquer razão válida (pelo menos o D. assim o acha, tanto que não lhe foi dada qualquer explicação). Não gosta que lhe apontem como opção profissional marceneiro. No entanto, não se importava de vir a ter tal emprego, em condições diferentes das que conheceu.

Pretende trabalhar nas férias de verão para conseguir dinheiro para comprar os livros da escola.

Na escola, o D. mostrou-se tímido, dócil, obediente, prestativo (estas características mantêm-se actualmente no IEJ). Demonstra pouca iniciativa neste meio, o que, como já foi referido (a ida à Rádio Cister), não é regra geral, mas esforça-se por cumprir ao pormenor as tarefas que lhe destinam. Inibe-se a participar em actividades festivas para as quais deve levar algo (bolos, bebidas, p.e.). De um modo geral tem atitudes de quem se julga inferior aos outros. Em função disto, assume um papel de servo (que demonstra este ano na sua *frequência* do IEJ), não tem atitudes agressivas, embora por vezes exiba

comportamentos de desagrado quando julga que alguém o está a tratar indevidamente: referências (directas ou deduzidas por si) à sua situação social ou a si como um inútil, são-lhe bastante desagradáveis. Aceita bem (demais) a sua condição de *incapacidade para aprender*.

O desempenho dos professores foi pautado pelas suas expectativas negativas em relação ao D. Não recorreram a serviços de educação especial porque acham tal uma inutilidade.

O D. beneficiou de ensino individualizado, embora este procedimento acabasse por ser descuidado e *deixar andar* uma vez que se chegou à conclusão que não havia nada a fazer para alterar a situação. Os amigos gostam muito dele e apoiam-no.

Na Escola Primária, o D. relacionava-se bem com os outros alunos bem assim como com os professores, o mesmo se passando actualmente no IEJ. Aqui executa pequenas tarefas de auxiliar educativo, como ir buscar chaves de salas, abrir, ir buscar materiais, etc, com dedicação e eficácia. O professor Bugalho elogiou-o bastante nestes aspectos.

Os seus amigos são da sua idade, mais novos, mais velhos. Diz que se dá de igual modo com todos. Gosta de comunicar, embora manifeste défices acentuados, em termos de linguagem expressiva.

Ocupa algum tempo livre a jogar futebol com os amigos, mas como diz “*não joga tanto como eles, eles jogam melhor*”.

O D. acredita que poderá vir a ser profissional de rádio (locutor), ou que pode vir a trabalhar numa agência publicitária (o que demonstra algum desajustamento social). Contudo, a ideia de ter uma profissão como técnico de electrónica, electricista, serralheiro, p.e., fascina-o: a sua atitude é a de que *não tem nada e que tudo o que vier é ganho*. Não parece demonstrar grande convicção nestas possibilidades.

Acredita que conseguirá um lugar na sociedade e faz por isso, nem sempre convenientemente. Para ele, a sociedade é constituída genericamente por pessoas boas e superiores a si, daí que tenha atitudes de obediência servil.

A situação familiar do D. repercute-se nos outros ambientes e condiciona-os. Os maus resultados académicos agravaram esse factor. Todavia, o seu carácter amável, e o factor familiar, leva a que as pessoas com quem contacta o estimem e procurem fazer com que ele consiga um lugar diferente na comunidade. Provavelmente, durante o 1º ciclo de escolaridade poderia ter sido feito mais qualquer coisa em prol do D.

## **Avaliação do Rendimento Escolar**

### *Aspectos positivos gerais:*

- \* Copia sem erros, escreve fluentemente.
- \* Interpreta textos pequenos (referido pelo Prof. Guerra e verificado por nós).
- \* Demonstra boa percepção de figuras-fundo auditivas assim como visuais.
- \* Discrimina bem vogais e sílabas (contudo, em casos complexos e não correntes, que verificámos, p.e., pler, qleretc; tem dificuldades).
- \* Consegue identificar visualmente quer a primeira quer a última letra de cada palavra, quer ainda as sílabas

que a compõem, numa miscelânea de letras ou de sílabas (fá-lo rapidamente e sem qualquer problema).

- \* Identifica figuras geométricas com facilidade.
- \* Não manifesta dificuldade em discriminar tamanhos e quantidades.
- \* Consegue discriminar frases com e em sentido.
- \* Tem boa habilidade manual.
- \* Realiza com perfeição trabalhos gráficos (calendários, mapas, p.e.).

#### *Aspectos negativos gerais:*

\*\*\*O D. tem problemas ao nível da linguagem receptiva e expressiva (A) e em aritmética (B).

A.

- \* Tem uma velocidade de leitura (silenciosa) de 70/80 palavras por minuto.
- \* Quando lê baixo percorre a linha com o dedo suavemente e não tem problemas em passar para a linha de baixo (ao invés de quando lê alto, onde se denota um esforço enorme de fixação de cada palavra, mesmo na aproximação da cabeça ao papel, revelando uma leitura hiperanalítica, manifestando ainda neste processo um estado de tensão anormal o que prejudica; embora estes sintomas nos levem a pensar em problemas de discriminação visual, o que outras avaliações (informais) não confirmam, pensamos que esta situação se deve a uma dificuldade integrativa).
- \* Não lê as palavras como estão escritas: lê o início e depois inventa mantendo a raiz da palavra; acontece que por vezes distorce completamente a palavra.
- \* Manifesta dificuldades em identificar auditivamente quer a última letra de cada palavra, quer ainda as sílabas que a compõem (no entanto, isto não parece demonstrar problemas de discriminação auditiva uma vez que em figura-fundo auditiva ele consegue identificar as letras e as sílabas ocultadas; assim parece-nos que os erros se devem à não existência de uma imagem verbal consolidada da palavra: p.e., diz que a primeira letra de *dor* é *d* e que a última é *e* porque pensa que se escreve *dor*; a situação é idêntica em outros exemplos, ressaltando-se a confusão que faz nas vogais abertas finais seguidas de *r* ou *l*; ou em vogais finais mudas dizendo que a letra final é a vogal antecedente).
- \* Tem dificuldade em distinguir o *r* do *l* no meio das palavras (p.e., fora: *folá*).
- \* Tem dificuldade em pronunciar palavras polissilábicas.
- \* Não compreende instruções escritas ou compreende-as distorcidamente.
- \* Reconhece que o que escreveu está mal escrito e que não corresponde à ideia fónica que tem (p.e., diz *triango* e escreve uma coisa diferente: o *tr* entram sempre, põe um *m* ou um *n*, um *g*, o resto é variável).
- \* Não consegue compor textos mesmo pequenos.
- \* Dificilmente constrói palavras a partir de sílabas e frases a partir de palavras (cf. Anexos).
- \* A composição escrita revela:
  - Pobreza vocabular;
  - Erros de sintaxe (omissão de palavras como “*Mamíferos são os seres que quando* (omissão da palavra pequenos) *bebem leite da mãe.*”; não concordância do substantivo com determinantes como “*5 peixe, 4*

*passarinho, 5 ovelha*”); erros ortográficos frequentes.

\* Distorção de palavras (p.e.: *reteigo* em vez de rectângulo; *comjuto* em vez de conjunto; *angilham* em vez de anjinho; *ilham* em vez de ilhas; *poisas* em vez de próximas, *seiviuro* em vez de cérebro; e outras que não se consegue distinguir o que escreveu dando a impressão que quando não tem uma ideia definida dissimula traçando sem qualquer sentido).

\* Transformação de sílabas (reinámos: *reinams*).

\* Não sabe momentos de uso de *m* e *n*.

\* Não sabe momentos de uso de *am* e *ão* (p.e. *inventão*, em vez de inventam).

\* Não usa correctamente as maiúsculas.

\* Não usa correctamente os sinais de pontuação.

\* Em teste de ditado dá erros ortográficos em quase todas as palavras (cf. Anexos<sup>4</sup>).

\* Não identifica erros em texto.

B.

\* Não consegue escrever correctamente números enunciados. (cf. Anexos)

\* Identifica números pares e ímpares embora em números grandes tenha dificuldade, p.e., 165438889076543091 e 165438889076543092 onde demorou algum tempo, dizendo primeiro que eram iguais.

\* Não sabe decompor um número em unidades, dezenas, etc. (por exemplo: “134287,9 - *Um milhões, e tremirto quarenta e dois oitentas e setenta e nove desinhos*”

\* Do mesmo modo não faz o inverso (escrever um número complexo a partir da indicação das unidades, dezenas, centenas, etc.,).

\* Erra frequentemente nas quatro operações fundamentais com maiores problemas quando entram números decimais.

\* Não domina a divisão.

\* Erros frequentes no transporte e no empréstimo.

\* Conta pelos dedos servindo-se das duas mãos.

### **Proposta de avaliação compreensiva**

Provavelmente seria útil uma avaliação formal. A avaliação através de testes formais das capacidades intelectuais e perceptivas do D. seria útil. Contudo, foi impossível de realizar. Uma psicóloga contactada recusa-se a fornecer elementos nesses aspectos por considerar que eticamente é reprovável. De qualquer modo conhece apenas o WISC, o que poderia vir a dar uma imagem distorcida. Pareceu-nos que, por algumas explicações que nos deu, o usa pouco criteriosamente.

---

<sup>4</sup> Estes Anexos não constam aqui: eram um conjunto de fotocópias muito extenso que não constavam do ficheiro electrónico.

Se as respostas educacionais do D. se mantiverem sem grandes alterações será necessário, quando se fizer uma reavaliação, procurar alguém que possa avaliar estas capacidades.

### **Conclusões e Recomendações**

Viveu sempre num meio pobre, em diversos aspectos, económico, linguístico, social.

Nunca lhe foi dada estimulação compensatória em face dos seus índices negativos.

É de lamentar o facto de o D. nunca ter beneficiado de serviços de educação especial.

Uma vez que nunca se procurou resolver os seus problemas com a eficácia devida, a situação aparece-nos bastante delicada. Atenua-a o facto de o aluno manifestar vontade e empenho em aprender. No entanto, as suas expectativas são negativas: não tem confiança no seu sucesso.

Manifesta défices comunicativos e linguísticos graves que o impedem de uma frequência normal.

Não nos parece que o D. tenha problemas de ordem perceptiva mas sim no circuito transdução-> análise-> armazenamento-> programação-> regulação-> verificação ->decisão. Existem decerto distúrbios nos registos armazenados o que leva a que a confrontação do percebido com o existente resulte perturbada.

O D. não interiorizou a correspondência fonema-grafema. A palavra aparece-lhe como uma mancha sem contornos nítidos. Também não pronuncia as palavras correctamente: diz *triango* (triângulo), *cebero* (cérebro), *egença* (agência), por exemplo, e na escrita aparecem grafemas que não correspondem à pronúncia. Neste aspecto, verifica-se ainda uma inconstância na escrita: para *triango* pode escrever *trinquo*, *trimaguo*, *trilajo*, ou para *cebero*, *seiviuro*, *ceribor*.

De igual modo não consegue descodificar significados. Não compreende instruções escritas mas se forem complementadas oralmente esse nível melhora.

Numa visão meramente empírica e comparando as suas prestações com indivíduos portadores de deficiência mental, não nos parece que seja esse o seu problema: classificá-lo-íamos na área das Dificuldades de Aprendizagem (dislexia/disortografia).

O D. tem qualquer hipótese de seguir um currículo normal. Uma vez que está consciente dos seus problemas de aprendizagem, não será prejudicial para ele a frequência de um currículo diferenciado. No entanto, este deve ser sempre apontado como provisório, até que vença as dificuldades.

Deve ser elaborado um programa de intervenção para o 1º período onde as áreas curriculares comuns se limitem às disciplinas de Educação Visual e Tecnológica (EVT) e a Educação Física. Mesmo nestas disciplinas deve haver o cuidado de se fazer um desenho curricular especial de modo a que o aluno invista significativamente em tarefas que lhe proporcionem sucesso e melhorias na socialização. Em EVT deve-se ter o cuidado de não fazer apelo à experiência na fábrica de móveis.

Nas restantes disciplinas deve-se ter o cuidado de elaborar currículos onde os objectivos gerais mínimos constem. As estratégias, actividades e materiais devem ser distintos e adequados. A consecução desses objectivos não deve constituir obsessão. De início, a maior parte parecerá de impossível realização.

Contudo é útil que se tenham sempre em mente e se procurem avaliar e rever, se for o caso, os processos de implementação curricular.

Uma vez que o D. não tem qualquer hipótese de seguir um currículo normal nas restantes, e também porque os recursos humanos não permitem melhor, deve-se conjugar a permanência em aulas regulares, onde o material visual deve ser tanto quanto possível reforçado, e a frequência de aulas especiais em sala de apoio que incidam numa recuperação modular dos défices de linguagem receptiva, expressiva e aritmética do aluno. Procurar-se-á deste modo, e progressivamente, encaminhá-lo para uma integração o mais completa possível.

Tem alguns problemas de visão (astigmatismo). Provavelmente a visão a curta distância não é perfeita, pois aproxima os olhos demasiado do que lê denotando esforço. Poderá ser apenas um procedimento do D. (incorrecto) tendente a vencer as dificuldades de leitura que experimenta. Deveria ser consultado um médico da especialidade. Enquanto tal não for corrigido, o D. deve sentar-se nas carteiras da frente.

O D. deve ser integrado em turma onde haja um grupo de alunos de Alpedriz, ou alguns com quem se vai familiarizando no IEJ, na eventualidade de ficarem retidos.

Devem-se ser melhoradas as expectativas e a auto-estima.

Deve-se ainda investir na determinação optimização do seu estilo de aprendizagem e consequentemente adequar-lhe o de ensino.

Deve ser feito um trabalho de orientação profissional.

### **Áreas a programar**

- A. Cognitiva: linguagem receptiva e expressiva (oral e escrita); aritmética
- B. Social
- C. Metacognitiva

### **Objectivos Gerais**

- A.1. O D. deve ser capaz de ler e escrever um texto correctamente.
- A.2. O D. deve ser capaz de realizar cálculos nas quatro operações básicas.
- B.1. O D. deve desenvolver as suas concepções e prestações sociais.
- C.1. O D. deve dominar as estratégias da planificação e da revisibilidade.

### **Objectivos Específicos**

- A. 1.1. O D. deve ser capaz de ler e escrever palavras isoladamente.
- A. 1.2. O D. deve ser capaz de interpretar textos de tamanho médio.
- A. 1.3. O D. deve ser capaz de compor textos sobre actividades em que participa ou acontecimentos presenciados ou imaginados.

- A. 2.1. O D. deve saber ler e compor números.
- A. 2.2. O D. deve ser capaz de efectuar cálculos com pequenas quantidades na operação da divisão.
- A. 2.3. O D. deve ser capaz de usar a máquina de calcular e a fazer mentalmente a previsão aproximada dos resultados.
- B. 1.1. O D. deve ser capaz de manter uma conversa com os amigos sobre assuntos quotidianos.
- B. 1.2. O D. deve ser capaz de tomar a iniciativa nas diversas actividades
- B. 1.3. O D. deve ser capaz de reconhecer as suas possibilidades profissionais.
- C. 1.1. O D. deve ser capaz de explicitar as suas estratégias operativas.
- C. 1.2. O D. deve ganhar o hábito de planificar as tarefas e decompô-las em unidades que lhe sejam possíveis realizar com sucesso.
- C. 1.3. O D. deve ganhar o hábito de verificar os materiais que produz na escrita e na aritmética.

### **Estratégias**

O D. deve ser levado a reflectir sobre os seus processos operatórios mentais na realização das tarefas. Verbalizá-los-á para referir as dificuldades, explicitar as razões às quais atribui os seus fracassos. O professor deve enunciar os seus mesmos procedimentos de modo a que o D. possa fazer a confrontação. Deve pedir-se que antes da execução de cada tarefa que indique quais as estratégias que vai seguir para a sua realização.

Devem ser dadas ao D. tarefas em que ele possa experimentar sucesso; nas que à partida se sabe que tal não acontecerá, deve-se levá-lo a rever o que produz e reforçar.

Numa fase inicial, será necessário dividir as tarefas o mais possível e, resolvê-las passo a passo. De seguida fazer a reconstrução do mais simples para o mais complexo, procurando-se que o D. o realize com a maior autonomia possível.

Numa segunda fase, poderá ter-se em conta não apenas o tratamento da tarefa, mas o do processo.

Porque gosta de rádio devem aproveitar-se as audições que faz para compor textos, ou levá-lo a simular um boletim informativo.

Em aritmética, os exercícios devem começar por ser simples (p.e., 4X1, 4:1), seguindo para outros de complexidade maior, mantendo-se sempre elementos comuns que permitam ao D. identificar as regras operatórias dos processos (p.e., 40X1, 40X2, 40X10, 40X20, 40X21, etc.)

Na área social deve-se ter o cuidado de não fazer referência aos défices do aluno e referenciar exemplos de pessoas desfavorecidas que singraram.

Deve-se incrementar ao máximo a realização de trabalhos em Educação Visual e Tecnológica dando a iniciativa da escolha ao D., podendo ser-lhe depois apontadas sugestões e pistas para outro tipo de trabalhos. Devem aproveitar-se as suas realizações nesta área como base para a composição escrita.

No que diz respeito à aritmética deve o D. aprender a servir-se da máquina de calcular, tendo-se o cuidado de que fique a saber prever o resultado.

Deve-se trabalhar com ele no computador, para além do mais como variável de reforço da auto-estima e compensação social.

O D. deve saber que a formação académica lhe permitirá uma situação pessoal e social melhor (embora ele esteja consciente disto, a ideia deve ser permanentemente reforçada). Um trabalho de orientação deve ser feito simultaneamente. Não se deve dar grande importância aos devaneios profissionais do D., como por exemplo o de ser locutor de rádio. Também a contrariação pura e simples destes projectos não devem ser feitos, mas antes a informação sobre as alternativas.

### **Actividades/Materiais<sup>6</sup>**

1. Compor pequenos textos sobre actividades em que participa, ou acontecimentos que ouviu relatar.
2. Devem ser ditadas palavras ao D. que ele escreverá e fará a revisão: devem procurar-se palavras com grupos vogais e consonânticos em que o D. manifesta dificuldade.
3. Devem ser feitos exercícios com:
  - a) Palavras a que faltem as vogais ou consoantes finais ou intermédia/s simultaneamente com outras onde o D. pensa que existem e não existem;
  - b) Palavras onde a mudança de uma consoante ou vogal altere o sentido;
  - c) Palavras que contenham *m, n, w, r, l*.
4. Construção de séries de palavras que tenham entre relacionamentos de identidade e oposição.
5. Deve usar-se o programa de computador CARTOONS, ou outros similares, que permitam criar histórias animadas com texto (antes de se passar ao seu uso, o D. deve escrever numa folha de papel o roteiro da história que quer criar, tipo argumento cinematográfico); o uso do programa CARTOONS tem a utilidade de ser em inglês e funcionar desse modo como motivação e aprendizagem da língua inglesa (poderão essas histórias ser primeiramente criadas e depois acrescentado o texto).
6. Uso de programas como PUZZLE, CALC, MOSAICO, TRINCA, para constituição de puzzles, seriar e calcular.
7. Trabalho no completamento de números.
8. Trabalho de composição de números, se possível usando ábaco ou processador de texto.
9. Fazer cálculos de divisão exemplificando com operações concretas, usando objectos quotidianos e diversas figuras geométricas planas.
10. Uso da máquina de calcular, repetindo as operações diversas vezes.
11. Participação em viagens de estudo.
12. Almoço na cantina.
13. Integração em actividades desportivas.
14. Participação em exposições de trabalhos.

### **10. Avaliação/Reavaliação**

Deve usar-se a avaliação contínua e processual.

Deverá ser elaborado um roteiro de observação para melhor verificação de resultados e a efectuação dos possíveis e necessários reajustamentos.

Uma vez que não foi feito um diagnóstico completo, referimo-nos à não verificação das capacidades intelectuais do D., no fim do 1º período escolar deve ser feita uma avaliação sumativa e uma reavaliação. Se for o caso deve-se requerer os serviços de especialistas.

## **Apêndice VI**

***Powerpoint* Nascimento da Filosofia/Nascimento do Homem**

## Nascimento da Filosofia/Nascimento do Homem



## Why the World Does Not Exist by Markus Gabriel – review

Who decides what constitutes reality? A blunt philosophical attack on the hubris of science



© suspended the meaning of life Markus Gabriel, Philosophy Today Lecture 1

## Did Markus Gabriel (Bonn University) plagiarize my ideas?<sup>1</sup>

"The hell is empty and all the devils are here."

Shakespeare, *The tempest*



Gabriel Vacariu

## Jerusalem Talmud, Sanhedrin 4:1 (22a)

"Whoever destroys a soul, it is considered as if he destroyed an entire world. And whoever saves a life, it is considered as if he saved an entire world."

Qur'an 5:32 (pastes): "If anyone slays a person, it would be as if he slew the whole people: and if any one saved a life, it would be as if he saved the life of the whole people."

O Homem interroga o mundo – alguns os outros seres vivos também (uma pedra não interroga o mundo!)

- Há diferentes formas de interrogar e há formas diferentes de responder.

- Mas o que interessa, para o homem, é que para a mesma pergunta há respostas diferentes por norma, para os outros animais não!

- O Homem é o único animal que cria histórias sobre o mundo e sobre os acontecimentos do mundo e vive (e mata) de acordo com elas!

- O Homem e Deus são protagonistas principais dessas histórias ao longo da História!

- O Homem inventa histórias sobre o mundo e a vida e vive (e mata) de acordo com elas! Pode colocar-se a si como centro (**fundamento geral da Filosofia**), pode colocar Deus como centro...

•Na protagonização dessas histórias, há a Madre Teresa de Calcutá, Hitler, os tipos que fizeram o 13 de Novembro em França...

الله أكبر  
מקום שאין אנשים

השתדל להיות איש, ובמקום שאין אנשים

«O nosso mundo não é real: vivemos num mundo como eu o compreendo e o explico. Não temos outro.»

«Vamos até à cova com palavras. Submetem-nos, subjugam-nos. Pesam toneladas, têm a espessura de montanhas. São as palavras que nos contêm, são as palavras que nos conduzem.»

Raul Brandão (1867-1930), Humus

•A Filosofia fundamenta um determinado tipo de questionar e responder: o Homem é autónomo na interpretação e funcionamento da Natureza!

الله أكبر





## Tese

O nascimento da filosofia coincide com o  
nascimento do Homem  
ou

**O nascimento da filosofia é o nascimento do  
Homem!**

«Devemo-nos lembrar que o que nós  
observamos não é natureza em si mesma, mas a  
natureza revelada conforme o nosso método de  
a interrogarmos.»

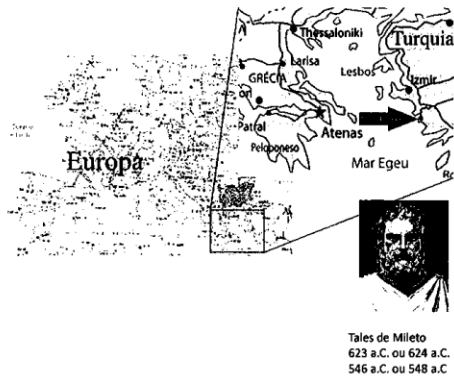
Werner Heisenberg (1901-1976)

Raul Brandão (1867-1930), Humus:

**«Criei o universo.** Destaquei da massa  
confusa o tempo - destaquei o sonho.»

«Mas eu é que faço a verdade e a  
mentira.»

**«Deus cria-me a mim, eu crio Deus. Uma  
verdade pode não existir. Com uma  
mentira posso forjar outro mundo.»**



«Tales procurou interpretar o mundo sem invocar a intervenção dos deuses. Tal como os Babilónios, ele acreditava que outrora o mundo tinha sido água. Para explicar a Terra seca os Babilónios acrescentavam que Marduk tinha posto uma esteira sobre a água e sobre ela acumulado lixo.

Tales defendia um ponto de vista idêntico, mas, como dizia Benjamim Farrington, «deixou Marduk de fora».

Carl Sagan, Cosmos

## O que é a Filosofia?

•**Caos:** os deuses fundamentam as narrativas do mundo (o mundo não tem ordem e não é compreensível pelo homem na sua origem e funcionamento – o mundo foi criado e funciona segundo a vontade dos deuses (que alguns homens podem conhecer!))

•**Cosmos:** o homem fundamenta as narrativas do mundo (o mundo tem ordem e é compreensível pelo homem na sua origem e funcionamento)

Sócrates de Atenas,  
c. 469 a.C. - Atenas, 399 a.C.)



## O Homem como personagem central

Sócrates de Atenas (470/469 aC-399aC)

*«conforme recomenda a inscrição délfica, conhecer-me a mim mesmo; por isso vejo quanto ridículo seria eu, que não tenho conhecimento de mim mesmo, se me dedicasse a estudar coisas que me são estranhas.»*

Platão (428/427aC-348/347aC, **Fedro**, 229e-230a)

«Se com o nosso esforço colectivo forjamos o mundo, porque deixamos a morte de pé? Criei o universo. Destaquei da massa confusa o tempo - destaquei o sonho. Fui eu que dei valores e perspectiva ao quadro. Fui eu que lhe entornei ilusão. Na verdade só existem cores como só existem gritos. Porque não hei-de acabá-lo? É talvez uma questão de vontade. Se até para dar o primeiro passo precisamos de crêr, porque não havemos de dar o último passo? Ilusão, mentira? Mas eu é que faço a verdade e a mentira. Dou-lhes o meu bafo. Deus está-me a ajudar, porque Deus é uma verdade divina»

«Deus cria-me a mim, eu crio Deus.»

Raul Brandão, Húmus

«Criei o universo.»

Raul Brandão, Húmus



Raul Brandão,  
1867-1930

## O que é a Filosofia (na sua origem)?

Uma fundamentação para narrativas  
(donde deriva a ciência)

A Filosofia diz: não são precisos deuses para explicar as origens e funcionamento do universo  
– o Homem é capaz de o fazer sozinho!

## O que é a Filosofia (na versão socrática)?

Uma fundamentação para narrativas

A Filosofia diz: não são precisos deuses para dizerem o que deve ou não o Homem fazer!

## O que é o Homem?

- Biologicamente: cérebro com 12 a 14 mil milhões de neurónios!

- Isso dá-lhe capacidade de inventar histórias fabulosas complexas e viver de acordo com elas!

Mas Deus e o Homem coexistem ao longo de séculos, em conflito, procurando sempre o Homem tomar o lugar de Deus (que criou e por quem foi criado)!

(a justificação racional da existência de Deus começou a matá-Lo)

## O que é/foi o Homem sem Deus?

Blaise Pascal (1623-1662)

«A grandeza do homem está em ele se reconhecer como miserável. Uma árvore não se dá conta da sua miséria.»

«Quando considero a duração mínima da minha vida, absorvida pela eternidade precedente e seguinte, o espaço diminuto que ocupo, e mesmo o que vejo, abismado na infinita imensidade dos espaços que ignoro e me ignoram, assusto-me e assombro-me de me ver

„Passou muito tempo desde a criação de Deus... e  
passou muito tempo desde a criação do Homem!

„Deus não existe... morreu (valor, cultura, ciência,  
Nietzsche)?

„Deus não existe... morreu (ciência, não é  
necessário para explicar o universo, Hawking)?

„Deus existe (vive-se, morre-se e mata-se em  
nome de Deus)!

الله أكبر

De que que planos ontológicos e/ou  
epistemológicos falamos?

„(Deus é/existe e Deus não é/existe!)

„O mundo-unicórnio não é/existe (Markus Gabriel,  
Gabriel Vacariu)!

„O Mundo (tudo: material e imaterial); e o Universo (material), Markus Gabriell

„Paradigma não-cartesiano (o argumento de Deus cartesiano pode levar à sua invalidação: deus sumamente perfeito deve encerrar na perfeição a existência e não existência; bem o mundo não-unicórnio!)

„A coexistência dos paradigmas de Kuhn.

„O que existe?

„O homem. O que é o homem?

„Não sei! Mas isso pouco importa!

### O que deve fazer o homem?

„Se eu não sou por mim mesmo, que será de mim? E quando eu sou para mim, que sou eu? E se não for agora, quando?"

„Não faças aos outros aquilo que não gostarias que te fizessem a ti. Essa é toda a Torá, o resto é a comentário; agora ide e aprendei."

„Hillel, o Velho (c. 60 a.C. - c. 9)

E que afinal pespegou em todas as grandes religiões (que fornecem códigos éticos):

Ética da reciprocidade, «regra de ouro» ética

O problema é que em nome disto se queimaram muitas pessoas nas fogueiras (bruxas, judeus,...)!

השתדל להיות איש, ובמקום שאין אנשים

«And in a place where there are no men, strive to be a man.»

<https://jewishwomenlearning.wordpress.com/2012/01/19/pirkei-avot-chapter-26/>

«E onde não há homens, nos esforçamos para ser um homem.»

*Tradução Google Translator*

Ben Zoma disse:

Quem é sábio? Aquele que aprende com todos, pois foi dito (Salmos, 119:99): «De todos os que me ensinaram obtive sabedoria».

Quem é forte? Aquele que domina as suas paixões, pois foi dito (Provérbios, 16:32): «Vale mais um homem paciente que um herói; vale mais quem se domina a si mesmo do que quem conquista uma cidade.»

Quem é rico? Aquele que está contente com sua parte [sorte], pois foi dito (Salmos, 128:2):

«Quando comes do trabalho das tuas mãos, feliz és e o bem estará contigo. "Feliz és" — neste

Jerusalem Talmud, Sanhedrin 4:1 (22a)

"Whoever destroys a soul, it is considered as if he destroyed an entire world. And whoever saves a life, it is considered as if he saved an entire world."

Qur'an 5:32 (pastes): "If anyone slays a person, it would be as if he slew the whole people: and if any one saved a life, it would be as if he saved the life of the whole people."